

ESPECIAL 8
Outubro de 1981

UMA GREVE PELO DIREITO AO TRABALHO: FIAT 1981



Aconteceu

CEDI

Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho 98-fundos 22241 Rio de Janeiro
Av. Higienópolis 983 01238 São Paulo

INTRODUÇÃO

Construída no tempo da Segunda Grande Guerra, no meio das matas de Xerém (RJ), a antiga Fábrica Nacional de Motores foi palco de vitórias importantes dos trabalhadores que produziam o único caminhão brasileiro e com capacidade de concorrer com os similares estrangeiros.

O desenvolvimento dessa experiência caminhava rumo à gestão operária, e a maneira de quebrá-la foi a ocupação militar da fábrica e as perseguições e prisões de inúmeros operários em 1964.

Estas recordações se encontram marcadas nas lembranças de antigos operários da FNM. Algumas delas passam a compor o presente ACONTECEU ESPECIAL 8, lembradas a partir do fortalecimento das lutas operárias, e, em particular da greve de maio e junho de 81.

Passada da FNM para a Alfa-Romeu (1968) e desta para a Fiat (1976), a fábrica de Xerém entra no inevitável caminho do capitalismo mais avançado, com a chamada “racionalização da produção”; a automatização, transferindo às máquinas a destreza dos profissionais, a intensificação dos ritmos de trabalho e a opressão em todos os níveis sobre a classe operária.

Ganhando toda forma de incentivo do governo brasileiro para se instalar, acabando com a produção do legendário FNM, a Fiat encontra a resistência operária no desenvolvimento de sua estratégia. Sem nunca ter abandonado a luta, desde 1978, e por quatro anos seguidos, os operários da Fiat fazem greves, numa escalada em defesa de seus salários e de direitos fundamentais, como o de organização operária, saúde, higiene e segurança no trabalho, pagamento das 240 horas etc.

E esta escalada de lutas culmina com a greve de 81, com a luta pela estabilidade no emprego, tal como uma advertência para todo o país dos tempos negros que estão chegando — se é que alguma vez foram ao menos um pouco claros — para a classe trabalhadora: “é melhor ser um grevista na fábrica que um marginal na rua”, diz a palavra de ordem da greve.

Este ACONTECEU ESPECIAL procura documentar esse ponto culminante da luta dos trabalhadores da Fiat. Para isso recolhe da imprensa as principais notícias da greve complementando-as com comentários dos próprios grevistas. Apresenta também alguns dos principais documentos através dos quais os grevistas se comunicavam entre si e com a população, analisando cada passo da luta, animando os companheiros e solicitando o apoio de todos em vista da justiça de suas reivindicações. Mas, o ponto principal deste dossiê é o fato dessa greve e de lutas anteriores serem contadas pelos próprios trabalhadores, através de entrevistas realizadas logo após o término da greve. Estes se referem, de uma forma simples e espontânea, ao processo de mudança da FNM à Fiat recuperando momentos da luta operária dentro desse mesmo processo; relatam com detalhes a greve de 81 desde suas origens, sua organização, o apoio recebido, até os episódios com o Sindicato dos Metalúrgicos e com a repressão da polícia e da empresa ao movimento. E, por fim, fazem uma primeira avaliação dos acontecimentos, um mês após a retomada do trabalho.

Esta publicação pretende oferecer aos próprios participantes da luta, além de sua memória viva, também uma memória escrita. E que esta memória escrita ajude não só a conservar a memória viva, mas sobretudo, a possibilitar uma avaliação objetiva dos acertos e dos erros, dos limites e das possibilidades, da greve e das lutas pelos interesses da classe operária.

A GREVE ATRAVÉS DA IMPRENSA

MAIO

1 Greve na Fiat do Rio pela readmissão de 250

Os operários da Fiat Diesel do Brasil entrarão em greve por tempo indeterminado na próxima segunda-feira. A decisão foi tomada ontem à noite, em assembléia que reuniu cerca de 600 dos 3.000 operários da Fiat, em virtude da demissão de 250 trabalhadores nos dois últimos dias.

Liderados pelo delegado do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro na Fiat, Luís Paulo Giannini, os trabalhadores decidiram que só voltarão ao trabalho quando os patrões readmitirem os companheiros demitidos e assegurarem a estabilidade no emprego para todos por um período de um ano.

Ao falar aos seus companheiros durante a assembléia, o delegado sindical Luís Paulo Giannini disse que a crise que a Fiat alega estar atravessando é falsa, já que só as exportações de motores de caminhões para a Nigéria, França, Itália, Argentina e Colômbia deixaram a empresa em situação excepcional.

Giannini também afirmou que o propósito das demissões é contratar os operários com salários bem inferiores, e alertou: "Se as demissões atuais não forem combatidas pela categoria, no futuro elas serão em número bem mais elevado". (FSP)

5 Greve para Fiat

Os 3.083 operários da Fiat Diesel do Brasil, localizada em Xerém, Distrito de Duque de Caxias, no Estado do Rio, entraram em greve na manhã de ontem por tempo indeterminado, até que a empresa readmita 250 trabalhadores dispensados na semana passada — inclusive dois membros da delegação sindical, João Leal de Araújo e Juvenal V. de Moraes —, e dê garantias de estabilidade no emprego. Todos os operários da Fiat Diesel entraram na fábrica, marcaram os cartões de ponto e cruzaram os braços, apesar da direção da empresa ter solicitado a presença da polícia, o que foi considerado pelos trabalhadores como uma tentativa de intimidação. Os metalúrgicos informaram que das quatro greves já realizadas — em novembro de 1978, agosto de 1979 e agosto de 1980, todas durante a campanha salarial, além da atual — esta é a primeira vez em que o setor de administração também cruza os braços. Luís Giannini, da Comissão de Empregados, explicou por que a classe está reivindicando a readmissão específica de dois metalúrgicos: — Juvenal V. de Moraes é o vice-presidente da CIPA (*) e conseguiu que a empresa empregasse Cr\$ 11 milhões em segurança. Um dia o guarda Israel colocou a mão em seu bolso para tirar a carteira de identificação. Ele não deixou, houve um mal-entendido, e um mês depois, véspera de Natal, foi despedido por justa causa. João Leal de Araújo, delegado sindical, estava com dois filhos com ameaça de pneumonia e a mulher com problemas de saúde. Às vezes faltava por isso, e foi despedido sob a alegação de baixa produtividade. (JB e FSP)

O relato vivo da greve

Acostumada com sucessivas vitórias desde 1978, a peãozada entrou em mais essa batalha, com toda disposição. Acreditava na sua força e seus representantes levavam as propostas que para ela eram as mais corretas.

Inicia-se uma greve de grande consciência e organização: todos entravam, batiam o cartão e mantinham os braços cruzados em frente às máquinas.

A greve branca foi decidida porque: primeiro, a repressão externa era muito grande; segundo, os operários da Fiat tinham um razoável grau de consciência para paralisar "dentro da propriedade do patrão" e "aonde mais se manifesta sua autoridade".

Ao contrário das outras greves, e de sua posição inicial, a diretoria do sindicato dos metalúrgicos "resolve" apoiar a greve e o Comando transfere uma de suas partes (Comissão dos demitidos) para a sede do sindicato, onde também funcionaria o Fundo de Greve. Essa transferência demonstrou de imediato o que seria esse apoio: problemas com a burocracia, boicotes à produção de materiais escritos, tentativas permanentes de manipulação política, chantagens com a solidariedade, confecção de bônus sem o controle do comando etc.

Mas, mesmo assim, tudo indicava que ia ser mais uma vitória. O ânimo aumentava, apesar do escasso apoio ao fundo de greve, do isolamento político do movimento e do boicote da grande imprensa. (Relato do Comando de Greve em Greve da Fiat de 42 dias publicado em agosto de 1981).

Movimento



Carta Aberta à População

Patrões da Fiat violentam seus operários! Basta de desemprego! 3.382 demitidos!

Companheiros trabalhadores:

Virou moda neste país demitir os trabalhadores ou reduzir nossos salários. De repente como se fossemos "sucata velha", vamos parar no olho da rua para favorecer a sede vampiresca de lucros dos patrões e dos seus lacaios.

Os Armelines, Balestras, Reinaldis, Polis

Na Fiat, são os patrões italianos. São nossos algozes! Posuem sua polícia própria, agridem e punem arbitrariamente para criar um clima de terror. Controlam elementos na Justiça Trabalhista, não cumprem acordos salariais. O sr. Poli inventa "técnicas científicas" e obriga a trabalharmos em várias máquinas ao mesmo tempo. Através da RIGA somos mal alimentados. Não respeitam nossos operários mais idosos ou mesmo aqueles que trabalhando para esses vampiros aqui se acidentaram ou contraíram doenças profissionais que marcam para toda vida.

Somos em 3 anos e meio 3.382 demitidos. É a violência praticada impunemente contra o trabalhador brasileiro. 3.382 operários que sugaram o sangue e agora jogam fora como se fossemos lixo. Usaram e abusaram de nossas forças de trabalho. Ficaram mais bilionários e agora inventam crises e demitem, como ocorreu no dia 29 de abril em que mais de 250 operários foram para a rua. BASTA!!! BASTA!!! É NOSSO GRITO!!!

Neste país temos que dar um basta a essa mania patronal de demitirem seus funcionários. NUNCA dividiram seus lucros, e agora querem dividir seus prejuízos.

As multinacionais apoiadas por políticos governamentais impuseram o FGTS, que é a principal arma "legal" para criar a rotatividade de mão-de-obra e o imenso "exército de famintos", de desempregados. Muitos de nossos companheiros quando desempregados aceitam toda forma de humilhação patronal.

6 Fiat declara que não vai negociar estabilidade nem readmitir

Não negociaremos a readmissão e nem a estabilidade com ninguém. Não acreditamos que os empregados continuem essa greve por mais dois ou três dias. É impossível uma pessoa colocar um uniforme e ficar olhando para as porcas e parafusos, sem nada fazer. Além disso, estão perdendo dinheiro.

A afirmação, do diretor do Departamento de Relações Industriais da Fiat, vai de encontro às declarações dos empregados da empresa, que garantiram ontem que a greve em Xerém continua por tempo indeterminado, e conta com adesão total dos funcionários. (JB)

O desemprego é o início de uma vida de miseráveis e o início da marginalidade e da prostituição

Por isso é que os 3.083 trabalhadores da Fiat estão em greve, por tempo indeterminado. É GREVE PARA MAIS DE UM MÊS. Comeremos mal, ficaremos endividados mas uma coisa é certa, garantiremos o direito ao emprego de nossos demitidos e de nós mesmos.

Esperamos que o governo não favoreça a Fiat ainda mais. No ano passado a Fiat ganhou 800 milhões em incentivos fiscais. O que equivale a toda folha de pagamento de 1980.

Não é justo transferir benefícios tributários da população para empresas bilionárias que desgraçam a vida do operariado brasileiro. Da mesma forma esperamos que a polícia não se lance contra nós, os trabalhadores, devem sim, combater esses patrões que vivem no luxo enquanto os trabalhadores têm que se resignar com sua vida miserável.

A Fiat e seus agentes, como o Sr. CAPITÃO Wilson Cerqueira, conhecido pelo peleguismo pró patrões, não confia que os trabalhadores e seus representantes da Comissão Interna de Empregados fossem reagir. Pensavam que nós pudessemos viver subordinados e humilhados pelo medo. Se esqueceram que nossa classe operária tem uma longa tradição de luta em defesa de seus direitos e de sua liberdade.

Nós estamos aqui, firmes na luta, cabeça erguida até a vitória final. Queremos de volta nossos dois representantes, os 250 companheiros demitidos e estabilidade no emprego durante um ano

Companheiros:

É melhor ser um grevista dentro da fábrica do que se tornar um marginal na rua.

Ou admitem nossos 250 companheiros ou colocam os 3.000 na rua!

7 Sem negociação no 39 dia de greve

A Fiat Diesel terá que readmitir os 250 demitidos na semana passada ou, então, demitir todos os seus 3 mil trabalhadores. Esta é a posição tomada ontem pelos operários da empresa, durante o terceiro dia consecutivo de greve, com a fábrica totalmente paralisada. A direção da Fiat mantém-se intransigente em não negociar com os grevistas. Para os trabalhadores, a empresa forçou-os à greve para, a partir da redução da produção, justificar novas demissões, desta vez em massa, e assim apresentar ao governo um quadro crítico que justifique a concessão de mais incentivos e benefícios. Ontem, o Comando Geral de Greve obteve apoio dos Sindicatos dos Metalúrgicos do ABC paulista, Monlevade e Betim (Minas Gerais) e do Rio Grande do Sul. Eles já se comprometeram em levantar fundos para os companheiros da Fiat de Xerém. (FSP)

(*) Ver siglas na p. 36.

12 Solidariedade à greve dos operários da Fiat-RJ

Muitos companheiros nossos, em todo o Brasil e particularmente na nossa Baixada Fluminense, estão vivendo o drama do desemprego. Desemprego que causa insegurança e intranquilidade a milhares de pais de família.

Assim temos que a Sendas demitiu 2.000 operários nos últimos 60 dias. O Estaleiro Caneco, segundo um companheiro nosso, ex-dirigente sindical, demitiu 765 operários nos últimos 90 dias. O Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro registra, entre janeiro e abril deste ano, 9.000 demissões de companheiros com mais de um ano de serviço nas empresas. A EBE, construtora e conservadora, demitiu mais de 300 operários em Nova Iguaçu.

A Fiat de Xerém demitiu nos últimos três anos 3.382 companheiros sem prejudicar a sua linha de produção. No mês de abril, antes do aumento salarial, a Fiat voltou a demitir 250 companheiros nossos. E na mesma ocasião foram chamados para testes 300 operários com salário reduzido, para ocupar a vaga destes companheiros.

É contra esta situação que os companheiros da Fiat, solidários aos companheiros desempregados, resolveram decretar a greve exigindo:

- a readmissão dos 250 companheiros despedidos no mês de abril;
- a readmissão dos companheiros Leal e Juvenal, que tinham estabilidade de emprego, garantida por lei.

A greve dos companheiros da Fiat é uma luta contra os patrões e patrões estrangeiros. É uma luta contra as multinacionais, que tem a cobertura do governo federal que só no ano passado deu à Fiat 800 milhões de cruzeiros através de incentivos fiscais. Quantia que equivale à toda a folha de pagamento de todos os funcionários em 1980.



Última Hora, RJ

Por isso, os companheiros da Fiat precisam de todo o nosso apoio e solidariedade. Pois a luta dos companheiros é a luta de todos nós: luta contra o desemprego, luta pela estabilidade no emprego e portanto, luta pela segurança de nossas famílias. Como dizem muito bem os companheiros da Fiat: "É melhor ser um grevista dentro da fábrica do que ser um marginal na rua". Este apoio deverá ser dado através da compra de bônus e através de doações em dinheiro, em alimentos, o arroz, feijão, açúcar, etc. (...)

Dando nosso apoio e solidariedade a nossos companheiros em greve, estaremos reconhecendo, como diz Puebla, as feições sofredoras do Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela, através do rosto "de operários, com frequência mal remunerados, que tem dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos"; através do rosto "de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos". (PUEBLA, nº 36-37)

Nova Iguaçu, 12 de maio de 1981.

A Comissão Diocesana de Pastoral Operária.

13 Greve da Fiat é julgada legal pelo TRT carioca

O TRT decidiu ontem pela legalidade da paralisação dos metalúrgicos da Fiat Diesel. Sete juízes votaram a favor da legalidade e outros sete contra, tendo o presidente do TRT, Juiz Flávio Rodrigues, desempatado, dando seu voto favorável ao movimento dos trabalhadores.

Cerca de um mil empregados ficaram diante do prédio do Ministério do Trabalho (onde funciona o TRT), durante as 3 ho-

Vestidos com seus macacões de trabalho, metalúrgicos da Fiat esperam a decretação da legalidade da greve



Apesar das manobras dos patrões, a greve continua

ras e meia, tempo que durou o julgamento do dissídio impetrado pela Fiat Diesel. Vindos de Xerém, em 10 ônibus lotados, portavam faixas dizendo que o movimento teria continuidade e que ou eram readmitidos os 250 ou demitidos todos os 3 mil empregados da empresa. Após a decisão favorável da Justiça Trabalhista, no térreo do edifício, foram lidos os nomes dos juízes que votaram. Em seguida rumaram para Caxias, onde fizeram um ato público às 17:30 horas, na Praça do Pacificador. (O Dia - RJ)

A primeira greve operária legal

A empresa, com toda certeza de que a greve iria ser julgada ilegal, fez um processo de qualquer jeito, e o tribunal acabou julgando a greve legal, em cima do pedido de ilegalidade mal feito pela Fiat.

O julgamento contraditório do TRT, dando como legal a greve e não julgando as reivindicações, abriu possibilidades de ampliar o Fundo de Greve e de buscar apoio político dos trabalhadores em geral.

O fato importantíssimo nesse dia é que conseguimos levar 850 operários para participar do julgamento. A fábrica pressiona a empresa, que já tinha sido paga para levar os ônibus até o Terminal. Às 10:30 h do dia 12, chega o gerente da Breda dizendo que não cederia mais os ônibus. O horário de saída era 11:30h. Mesmo assim, a Comissão Interna consegue, através de um apoio, ir numa empresa e alugar menos ônibus, mas em quantidade suficiente para levar os 850 dispostos operários.

Neste momento, os operários estavam dando uma cartada histórica. Chegamos lá meia hora atrasados, mas o importante é que estávamos presentes.

Foi uma das etapas mais lindas do nosso movimento. Os operários saindo da "guache" e tomando o centro da cidade, que muitos desconheciam. Fizemos uma bela manifestação operária nos portões do Ministério do Trabalho. Nosso lema era: "Um, dois, três, quatro, cinco mil... queremos acabar com o desemprego no Brasil".

Por incrível que pareça, essa é a primeira greve operária legal. (Relato do Comando de Greve em Greve da Fiat de 42 dias publicado em agosto de 1981).

14

Operários da Fiat aceitam negociar

Os operários da Fiat Diesel, em greve considerada legal pelo TRT, aceitam negociar com a direção da empresa, mas em hipótese alguma abrirão mão da readmissão dos 250 companheiros demitidos no final de abril que quiserem voltar a trabalhar

na fábrica. A posição dos operários foi anunciada ontem por um dos membros do comando geral de greve, garantindo que os trabalhadores também não abrirão mão da estabilidade no emprego por um ano para todos e readmissão de dois companheiros de delegação sindical demitidos em dezembro último. (FSP)

15

Fiat Diesel recorre da decisão do TRT

A Fiat Diesel interpôs recurso no TST, pedindo a revisão do pronunciamento do TRT, que na última terça-feira considerou legal a greve dos 3.083 operários da empresa. Esta informação foi dada ontem aos operários, através de um comunicado da empresa assinado pelo seu gerente de relações industriais. (FSP)

Empresa impõe ditadura e ameaça cortar os salários dos operários da Fiat, mas a greve continua

Em represália à greve dos operários da Fiat Diesel, que o TRT decretou como legal, o diretor da empresa, distribuiu ontem uma nota, na qual ameaça por escrito a todos os grevistas, caso o movimento continue.

Segundo Jorge Nunes, um dos componentes da Comissão Interna dos Empregados da Fiat, a nota diz que a empresa não pagará aos grevistas as horas paradas. "Quando na verdade — disse Nunes — a Lei número 4.330/64 assegura aos empregados este direito".

"Se agindo assim eles pensam que vão nos intimidar — ressaltou Nunes — estão totalmente enganados, mesmo porque agora com a legalidade do movimento estamos ainda mais fortes e conscientes daquilo que reivindicamos".

Além da nota "repressora" e ditatorial, Nunes denunciou ainda, que todos os funcionários que trabalham na parte administrativa da empresa e que resolveram desde anteontem aderir também a greve, foram intimidados, pois a Fiat "se utilizou de toda a segurança para isto, conseguindo assim atingir seu objetivo". (Luta - O Jornal do Povo - RJ)

Fiat de Xerém ainda está parada

Os operários da Fiat enviaram ontem à direção da empresa um ofício no qual solicitam atendimento imediato das reivindicações da categoria, com base na decisão do TRT, que considerou legal a greve. Ontem às 6h30m cerca de 3 mil trabalhadores participaram da assembléia realizada em frente aos portões da Fiat, em clima de calma e segurança que resultou da decisão do TRT. Como explicou Luís Paulo Giannini, da Comissão Interna dos Trabalhadores, o que mais prejudica o movimento é a sensação dos operários de que estariam "cometendo algum crime". "Mas agora todos estão sentindo que estão com a razão", comentou. Giannini declarou que os trabalhadores foram alertados, durante a assembléia, para a atmosfera de intranquilidade criada pela empresa com a ameaça de não pagar os dias de paralisação. "Mas a decisão do TRT tranquilizou a todos e será uma vergonha se o TST considerar a greve ilegal", acrescentou. Na assembléia, a Comissão Interna de Empregados lembrou a todos que a fábrica é obrigada a pagar os dias de paralisação, já que o TRT considerou legal o movimento. Para a empresa, quanto mais o tempo passa, pior, porque só de manutenção eles gastam Cr\$ 5 milhões por dia. E correm o risco de não conseguir nada no TST. Nós achamos que a tendência é a direção nos procurar, porque já nos pronunciamos — afirmou Giannini. Considerando a hipótese de não receber os dias de paralisação, os trabalhadores estão pedindo total apoio ao fundo de greve, que por enquanto arrecadou cerca de Cr\$ 100 mil, com venda de bônus e coletas em Igrejas. (JB)

19 Manobras dos patrões não têm êxito: Fiat do Rio continua em greve

A fábrica de caminhões e motores diesel da Fiat Diesel, esteve fechada ontem e o mesmo deverá ocorrer hoje. O fechamento da fábrica nestes dois dias foi comunicado aos seus 3.083 operários em greve há duas semanas no final da tarde de sexta-feira, quando foi feito um oferecimento de adiantamento salarial de 40% a todos os operários, mesmo os que aderiram a greve. Em seu comunicado, a direção da empresa italiana não explica as razões deste fechamento de uma forma clara, mas extra-oficialmente soube-se que a Fiat Diesel está querendo se reorganizar, principalmente no tocante às exportações. Apesar da direção da fábrica estar oferecendo o adiantamento salarial e apesar do fechamento das instalações por dois dias, impedindo, assim, que os operários continuassem em greve interna, cerca de 1.000 operários compareceram ontem pela manhã às portas da fábrica, onde foi realizada uma assembléia. Na ocasião, decidiu-se pela continuação da greve, mesmo com as ofertas e pedidos dos dirigentes da Fiat para que todos voltem ao trabalho amanhã. Todos os membros da comissão interna dos operários da Fiat Diesel receberam esta última manifestação da empresa com muito descrédito e identificaram na decisão de fechar a fábrica e dar um adiantamento de 40% uma atitude voltada única e exclusivamente para o fim da greve, sem que tenham sido atendidas as reais reivindicações dos trabalhadores. (FSP)

22 Fiat propõe reempregar 6 dos 250 demitidos

Depois de quatro horas de espera e conversa, a Fiat propôs aos trabalhadores, em greve há 19 dias, negociar a readmissão de cinco ou seis dos 250 funcionários demitidos e o desconto parcelado em dois meses dos dias de paralisação se os operários voltarem ao trabalho. Enquanto o impasse continuar, a empresa manterá fechadas as portas da fábrica de Xerém, mesmo para os que quiserem trabalhar. (JB)

23 Sindicato acusa a Fiat

A proposta apresentada ontem no final da tarde pela Fiat (um projeto de protocolo de intenções) aos operários em greve desde o dia 4 foi considerada "indecorosa" pelo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Oswaldo Pimentel. Ele acha que esses encontros — classificados como negociação — são uma forma de a empresa ganhar tempo para seu recurso ao TST contra a legalidade da greve. (JB)

25 Metalúrgicos da Fiat condenam desinteresse de sindicatos por desemprego

A falta de interesse dos sindicatos pelo problema do desemprego foi criticada ontem pelos trabalhadores da Fiat Diesel do Rio e por representantes de cerca de 50 sindicatos e entidades classistas do Rio e São Paulo, reunidos em assembléia no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. O descrédito com relação às intenções da empresa, que espera ganhar a causa com um recurso ao TST, fez com que os trabalhadores marcassem ato público para dia 1 de junho, e anunciassem a distribuição de alimentos para quinta-feira. (JB)



Trabalhadores de todo Brasil mandam alimentos para grevistas



Começa a violência



contra os trabalhadores

28 Evangélicos solidários com a luta dos operários da Fiat

"Pois a Escritura declara: Não amordaces o boi, quando pisa o grão. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário" (1 Timóteo 5:18). "Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, e que por vós foi retido com fraude, está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos" (Tiago 5:4). "Todo homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego" (Declaração Universal dos Direitos Humanos — Artigo 23). O

direito ao trabalho, com remuneração digna e justa é um dos postulados da Bíblia. É direito fundamental pelo qual lutam as Igrejas Evangélicas desde a sua origem. Por isso nós — pertencentes às diversas tradições protestantes e inspirados nos ensinamentos da Sagrada Escritura, bem como referindo-nos à Declaração Universal dos Direitos Humanos — acompanhamos solidários a luta dos operários da Fiat do Rio de Janeiro pela garantia de seu trabalho e pela volta dos companheiros injustamente demitidos. Entendemos que sua luta tem significado mais amplo: É a luta do trabalhador brasileiro pela garantia dos recursos que lhe possibilitem sobreviver dignamente, sem ameaças de desemprego e miséria que reduza seu trabalho livre a trabalho escravo. Tem sua luta pleno conteúdo evangélico com apoio legal declarado. Nesta nossa expressão de solidariedade, apelamos às autoridades e a todo o povo para que se coloquem ao lado dos que estão tendo ameaçados seus direitos básicos de lutarem contra a fome e o desemprego. Seguem-se as assinaturas de:

Rev. Paulo Ayres Mattos — Bispo da Igreja Metodista; Rev. Carlos Cunha — Presidente do Presbitério Rio/Norte — Igreja Presbiteriana do Brasil; Prof. Jether Pereira Ramalho — Igreja Evangélica Congregacional e Assessor do Centro Ecumênico de Documentação e Informação; Rev. Domício Pereira de Matos — Vice-Presidente do Presbitério Rio/Norte — Igreja Presbiteriana do Brasil; Rev. Zwinglio Motta Dias — Secretário Geral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação; Rev. Mozart João de Noronha Melo — Presidente da Igreja Cristã de Confissão Reformada; Rev. Jonas Neves Rezende — Presidente do Conselho Pastoral da Igreja Cristã de Confissão Reformada; Rev. Alberico Baeske — Superintendente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil — Distrito Rio de Janeiro/Espírito Santo, e de muitos outros participantes de Igrejas Evangélicas (Pastores e Leigos).

Greve tem auxílio

No 23º dia de greve, os trabalhadores da Fiat Diesel começaram a receber os pacotes de alimentação com arroz, feijão, fubá, macarrão, óleo, açúcar, leite em pó, alho, cebola e batata, mantimentos que, dependendo do tamanho da família, dura até 15 dias. Os pacotes de alimentos foram distribuídos pela comissão de alimentação do Comando de Greve em Xerém para onde foram um caminhão e uma kombi cheios de gêneros. Os metalúrgicos de São Paulo começaram a mandar contribuições em dinheiro para os grevistas da Fiat, e os sindicatos cariocas enviaram suas colaborações em forma de mantimentos. "Se entrar alimento todo dia como entrou hoje (ontem), a greve pode estender-se por prazo indeterminado", afirmou Jalmir Veiga, mecânico da seção de experiência de veículos e presidente do Comando de Greve.

A central de controle do comando de greve da Fiat funciona na sala 413 do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, em Benfica, onde as quatro comissões — finanças, alimentação, propaganda e organização — têm sua base. (JB)

28 Operários aceitam volta de 50% dos demitidos

Em reunião realizada na manhã de ontem, os metalúrgicos em greve da Fiat Diesel concordaram em apresentar uma contraproposta à empresa, reconsiderando diversos pontos anteriormente exigidos. Aceitaram a volta de apenas 50% dos operários demitidos e a troca do índice de produtividade de agosto pela estabilidade de emprego por um ano. Não abrem mão entretanto do pagamento integral dos dias parados. Pouco antes, segundo os operários, Luís Paulo Giannini, um dos membros do comando de greve da Fiat, foi agredido e expulso da fábrica ao tentar entrar por um dos portões laterais a fim de conversar com os metalúrgicos que trabalhavam. Um

Fiat da segurança interna da empresa atropelou, logo depois, um operário grevista e foi apedrejado. A diretoria da fábrica negou responsabilidade pelos dois incidentes e acusou Giannini de ter agredido a vigilância. (JB)

29 Conflito na porta da Fiat fere 5 operários

Cinco operários ficaram feridos nos conflitos ocorridos ontem pela manhã na porta da Fiat Diesel. Dois deles — agredidos ainda no chão — foram atendidos no hospital do Serviço de Assistência Social Evangélico. O tumulto foi provocado pelo chefe de segurança da empresa, Capitão Wilson Cerqueira, que atirou seu carro contra os trabalhadores. A Fiat negou qualquer responsabilidade dos vigilantes no conflito. Segundo a versão dos operários, por volta das 5h30m, cerca de 200 metalúrgicos formavam piquetes na entrada principal da fábrica quando o carro, dirigido pelo Diretor de Administração de Pessoal, entrou em alta velocidade no pátio externo. Os operários, que faziam uma coleta para compra de café, se assustaram e correram atrás do automóvel. Quando o Capitão Wilson transpôs o portão, os seguranças da empresa saíram e agrediram os trabalhadores, alguns ainda sentados no chão. (JB)

Comissão de Greve dá alimentos

A comissão de alimentação da greve dos metalúrgicos da Fiat distribuiu alimentos durante todo o dia de ontem, na Subdelegacia Sindical de Xerém. Cerca de 1 mil pessoas receberam as sacolas. A comissão calcula que, quando a greve completar o primeiro mês, deverá ter gasto Cr\$ 1 milhão 500 mil somente na compra de suprimentos. A distribuição continua hoje. As bolsas distribuídas aos trabalhadores continham feijão, arroz, macarrão, açúcar, fubá, cebola, batata, sal, óleo e café e foram para as famílias mais numerosas. Estes alimentos eram divididos de acordo com o Tamanho de cada família: entre oito e 10 pessoas, eram entregues 25 kg; entre seis e oito, 16 kg; de quatro a cinco pessoas, 13 kg e entre duas e três, nove quilos, para as crianças com menos de um ano e meio eram entregues ainda uma lata de leite em pó e duas caixas de maizena. (JB)

Partidos políticos se solidarizam com a greve

As lideranças do PMDB, PP, PDT e PT na Câmara dos Deputados, reunidas ontem, divulgaram nota de solidariedade à greve dos trabalhadores da Fiat Diesel. A manifestação das lideranças de oposição é a seguinte: "Os trabalhadores da Fiat do Estado do Rio de Janeiro encontram-se em greve geral há mais de 25 dias, reivindicando a readmissão de seus companheiros injustamente dispensados. O Tribunal Regional do Trabalho julgou legal a greve, mas os diretores da empresa não aceitaram a decisão judicial e se negam a negociar com os trabalhadores. De janeiro até a deflagração da greve, já foram demitidos 250 empregados e ficaram ao desamparo centenas de famílias que tinham o salário na Fiat como único sustento. A fome já atinge os operários em greve, levando a todos muita angústia e desespero. O Ministério do Trabalho nada faz e nada diz, enquanto o desemprego ronda as fábricas. As lideranças do PMDB, PP, PDT e PT vêm, de público, manifestar a sua solidariedade aos operários em greve, ao tempo em que repudiam com veemência a intransigência dos diretores da empresa, que afrontam a Justiça e a opinião pública, desacatando uma decisão judicial". (O Globo)

JUNHO

1 Metalúrgicos pedem à justiça expulsão de diretores da Fiat

O advogado do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, Expedito Teixeira, entrará hoje na Justiça Federal com um pedido de expulsão do país dos diretores italianos da Fiat Diesel. O pedido será fundamentado na lei 4.330, que regula o direito de greve. A greve é considerada legal pelo TRT. O advogado, além de pedir a expulsão dos estrangeiros vai tentar o enquadramento dos dirigentes brasileiros na Lei de Segurança Nacional, sempre com o mesmo fundamento: a direção da Fiat estaria cometendo crime contra a organização do trabalho. (JB)

Grevistas passam privações em casa

Há quase um mês em greve, sem salários, os 3 mil operários da Fiat passam por uma situação difícil. Suas famílias têm, em média, oito a 10 membros, que dependem do salário mensal de Cr\$ 22 mil para os gastos com alimentação e saúde. Fora isso, há os compromissos, também inadiáveis, como contas de luz, gás e impostos.

Até o momento, o maior apoio aos grevistas da Fiat tem vindo de São Paulo. O fundo de greve do ABC enviou Cr\$ 270 mil e orientou o comando de greve na distribuição de alimentos. A Cúria Metropolitana de São Paulo enviou Cr\$ 50 mil no início da semana. No Rio, o fundo de greve dispõe de Cr\$ 200 mil mas o maior apoio tem origem em arrecadações à porta de supermercados e associações de bairros. João Leal de Araújo, um dos 250 demitidos, informa que todo o dinheiro é transformado em alimentos. Diariamente são distribuídas oito a 10 toneladas, num sistema semelhante ao dos metalúrgicos de São Paulo, na greve do ABC. Os três mil funcionários recebem uma ficha, e a cada um é entregue uma quantidade de alimentos que varia de acordo com o número de dependentes. Uma dificuldade que já foi superada, refere-se à saúde. João Leal explica que os empregados tinham a receita, mas não dispunham de dinheiro para comprar remédios. Os metalúrgicos entraram então em contato com o Sindicato dos Médicos, que mandou grande quantidade de medicamentos, para serem distribuídos aos operários, mediante apresentação de receita médica. Quando falta algum remédio, o Sindicato dos Metalúrgicos entra em contato com o dos Médicos para obter o medicamento. (JB)

Da Itália ao Brasil a diferença é grande

Não se pode comparar as condições de trabalho de um operário italiano com a de um brasileiro que preste serviço à Fiat, aqui no Brasil. Lá se ganha 500 a 600 dólares mensais, e há um respeito absoluto ao direito de greve — disse ontem, à noite, o líder sindical Bruno Sacerdoti, que veio trazer uma contribuição de um mil dólares aos metalúrgicos de Xerém. Bruno Sacerdoti, que já esteve antes no Brasil, acompanhando outra greve em Betim (MG), acusou a Fiat — a repressão é vício dos diretores e “a empresa só é sensível à força”, frisou. Na madrugada de hoje, o líder sindical italiano estará em Xerém e, às 18 horas, participará de ato público em favor dos operários brasileiros. Integrante da direção do Departamento Nacional da Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos da Itália, Bruno Sacerdoti veio ao Rio de Janeiro a convite do Sindicato dos Metalúrgicos para acompanhar a greve e “prestar contas aos trabalhadores italianos do que a Fiat faz aqui”. (JB)

Assalariados do campo apoiam greve

Os participantes do II Encontro Nacional Sobre Assalariados Rurais, realizado em Belo Horizonte, no período de 21 a 25 de maio, sob a promoção da Contag —, vêm manifestar integral apoio e solidariedade aos operários metalúrgicos da Fiat Diesel, do Rio de Janeiro.

Os companheiros metalúrgicos da Fiat Diesel, empresa instalada em Xerém, município de Duque de Caxias, expressaram a posição dos trabalhadores brasileiros, dando resposta firme à tentativa de implantação de uma política de desemprego em massa, cujo objetivo é garantir novos lucros às grandes empresas nacionais e multinacionais.

Os trabalhadores rurais manifestam sua certeza de que o caminho para impedir as demissões e a redução do salário dos trabalhadores é o da resistência coletiva, ao mesmo tempo que se associam à reivindicação dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, exigindo a readmissão de todos os trabalhadores demitidos, dos dois delegados sindicais afastados e estabilidade por um ano.

Belo Horizonte

(Seguem-se as assinaturas dos representantes da Contag, de 10 federações estaduais e 42 sindicatos de trabalhadores rurais) (Movimento)

Chapa 2 dos metalúrgicos de São Paulo apóia greve da Fiat

“Ou readmitem os nossos 250 companheiros ou colocam os 3.000 na rua”. Com essa palavra de ordem os operários da fábrica Fiat Diesel, situada em Caxias, Rio de Janeiro, entraram em greve no dia 4 de maio decididos a dar uma resposta aos patrões contra o desemprego. Além da readmissão dos despedidos, eles reivindicam também um ano de estabilidade no emprego, para todos.

A primeira vitória da luta já foi conseguida: a Justiça do Trabalho julgou a greve e decretou a sua legalidade, o que impede que o movimento seja reprimido tanto pelos patrões como pela polícia.

O trabalho de mobilização e organização que a Comissão vem fazendo dentro da fábrica, foi um dos fatores mais importantes para enfrentar a briga contra o desemprego e as manobras da empresa. (Jornal Oposição Sindical Metalúrgica Santo Dias — SP)

2

Trabalhadores da Fiat em ato público protestam contra o desemprego

Ao coro de “um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos acabar com o desemprego no Brasil”, cerca de 800 pessoas — entre metalúrgicos, estudantes e representantes de Partidos — deram início ao ato público organizado pelos grevistas da Fiat Diesel, em frente à Assembleia Legislativa, ontem no centro do Rio. Não houve incidentes, mas os discursos reafirmaram a necessidade de manter a greve, já considerada “não apenas dos operários da Fiat, mas de todos os trabalhadores brasileiros”. Dezenas de faixas traziam um protesto comum a todas as organizações representadas no ato: “Trabalhadores da TV Tupi exigem de volta seus empregos”; “A crise foi criada pelos patrões. Eles que se virem”. Todas as reivindicações convergiam para a expressão mais usada nos discursos e cartazes: o desemprego. No teto de uma kombi, líderes e sindicalistas discursaram. Membro do comando de greve da Fiat, Luís Paulo Giannini manteve-se à frente da assembleia. (JB)

5

TRT rejeita pedidos dos operários da Fiat

O TRT do Rio declarou ontem improcedentes as reivindicações dos funcionários da Fiat Diesel, que exigiam estabilidade de um ano, pagamento dos dias parados (mais de 30) e a readmissão de 250 colegas. A decisão do Tribunal foi por 11 votos a cinco e surpreendeu os metalúrgicos da Fiat, que estavam certos de que ganhariam a causa, já que o mesmo Tribunal declarara legal a greve. Expedito Teixeira, advogado dos metalúrgicos, decidiu recorrer da decisão. Assim que foi declarada a sentença — “por maioria julgamos improcedentes as reivindicações” — os operários da Fiat que assistiram ao julgamento saíram da sala do Tribunal já reclamando da atuação dos juízes. Nas calçadas da entrada principal do prédio do Ministério do Trabalho no Rio, onde fica a sede do TRT, já se encontravam mais de 1 mil trabalhadores da Fiat gritando palavras de ordem. Ao serem informados do resultado pelo representante da comissão interna dos operários, Luís Paulo Giannini, os protestos foram mais fortes, fazendo-se ouvir no nono andar do Ministério, onde está a sala de julgamentos. Uniformizados com as jaquetas da Fiat Diesel de várias cores — branco (controle de qualidade), cinza (fabricação de ferramentas), azul (fabricação e produção) e verde (controle de qualidade de peças) — os operários portavam cartazes que reclamavam do desemprego. (ESP, JB)

Um mês de greve: aumentam as privações em casa

Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos acabar com o desemprego no Brasil



Os operários não estão sozinhos

Porque nós, representantes das Dioceses de Nova Iguaçu e Duque de Caxias, e Igrejas Cristãs Reformadas, Metodistas, Presbiterianas; Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Comissão Justiça e Paz, Pastoral Operária, Juventude Operária Católica, Pastoral do Trabalhador, Ação Católica Operária, Cáritas, Clube de Mães, juntamente com os irmãos operários do Comando de Greve, Comissão Interna dos Trabalhadores, Comissão de Demitidos da Fiat, reunidos no Centro de Pastoral Catequética:

1. **Refletimos:** sobre a situação em que hoje se encontram no país milhares de trabalhadores desempregados e subempregados vítimas de um sistema desumano e opressor.

2. **Analizamos:** que, apesar da decisão do TRT, para nós a greve dos operários da Fiat continua sendo não somente legal, mas sobretudo legítima, porquanto traduz os anseios de justiça de todos os operários em greve, bem como de todos os desempregados do País. A decisão do TRT não nos surpreende por ser fruto da essência de um suspeito jogo de pressões. Não se trata de fato isolado ou inédito nas relações justiça-empregador-empregados. Quando as chamadas ilegalidades recaem sobre os movimentos de trabalhadores logo se faz sentir o peso do aparelho repressivo que age impiedosamente.

3. **Julgamos:** toda essa situação à luz da fé em Jesus Cristo, cujo corpo ensanguentado e sofrido na situação dos operários, nos questiona e interpela, pois “o salário do qual privastes os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e os seus gritos chegaram aos ouvidos do Senhor dos Exércitos” (Tg. 5,4).

4. Decidimos tornar público e explícito nosso apoio através das seguintes propostas concretas:



• Uma **Jornada Ecumênica de Solidariedade**; celebração ecumênica no **Clube Piauí, em Xerém, às 18:00 horas, no dia 10 de junho onde se fará o ofertório com doações em dinheiro e mantimentos para o fundo de greve.**

• Redobrar: uma assessoria jurídica mais constante, a campanha de finanças e de divulgação.

• Ampliar a conscientização das bases a respeito da situação de desemprego.

Dom Adriano Hypólito, Bispo de Nova Iguaçu, Dom Mauro Morelli, Bispo de Duque de Caxias, Dom Paulo Ayres, Bispo Metodista, Reverendo Mozart Noronha, Pastor da Igreja Cristã de Confissão Reformada, Reverendo Carlos Cunha, Pastor da Igreja Presbiteriana da Penha, Pastoral Operária de Nova Iguaçu, Pastoral do Trabalhador da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Comissão Justiça e Paz, Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu, Clube de Mães, Juventude Operária Católica, Ação Católica Operária, Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), CEMOP — Centro de Estudos Santo Dias da Silva.

Nova Iguaçu, 5 de junho de 1981

Operários debatem 2ª contraproposta da Fiat

Na assembleia-geral marcada para segunda-feira de manhã, com os portões da fábrica fechados, os operários da Fiat Diesel responderão se aceitam ou não a contraproposta da diretoria da empresa.

Depois de quase três horas de reunião com o diretor italiano da Fiat, Cesário Palenzzoni, a comissão de negociações apresentou aos metalúrgicos a contraproposta da empresa. Apesar da aprovação geral dos quase 500 operários que ainda permaneciam na fábrica, a palavra final e o retorno ao trabalho só serão decididos em assembleia-geral, segunda-feira pela manhã.

A diretoria propôs o pagamento integral do mês de maio e o desconto dos dias parados, 15% ao mês até novembro e 10% em dezembro. O dinheiro descontado, cerca de Cr\$ 80 milhões, seria doado pela empresa à Associação dos Trabalhadores da Fiat, com a obrigação de ser investido na compra de alimentação para as famílias. Até mesmo os que trabalharam normalmente entrariam neste acordo.

Dos 185 trabalhadores demitidos 30 seriam readmitidos, 10 a cada mês, de julho a setembro, e receberiam durante seis meses um prêmio equivalente ao piso salarial da empresa, atualmente de Cr\$ 12 mil. Os que não estivessem entre os selecionados receberiam uma bolsa de estudo equivalente ao período de duração de um curso de especialização promovido pelo Senai.

A Fiat concedeu ainda, estabilidade de emprego por quatro meses e garantia econômica pelo mesmo período. Assim, todo trabalhador que fosse demitido neste prazo, teria direito a uma indenização calculada sobre o valor do seu salário. Em dezembro o problema voltaria a ser discutido para ser firmado um novo acordo. (JB)

Isso aí foi uma jogada deles

É, isso aí foi uma jogada deles. O italiano — o Cesar Lazzaroti — veio realmente para ajudar a resolver alguma coisa. Nós tínhamos mandado uma carta para a Itália denunciando todo o esquema que a fábrica fazia com os trabalhadores da Fiat aqui no Rio. Então eles mandaram uma pessoa para cá porque eles mesmos não acreditavam que, dentro do Brasil, contra os italianos, se conseguisse fazer uma greve de mais de duas semanas.

E como a Lazzaroti viu que a greve chegou aos 30 dias e não teve jeito, veio com essa proposta de conversar com os trabalhadores e tentar, de uma maneira ou de outra, chegar a um acordo.

Nesse mesmo dia o Fernando Guimarães estava sendo chamado pela diretoria central no Rio e levando seus esculachos. Ele veio de São Paulo com toda a experiência de ABC, onde ele conseguiu esvaziar o movimento dos trabalhadores dentro da firma onde ele trabalhava, a GM, para acabar totalmente com a organização independente dos trabalhadores dentro da fábrica. Até aí ele não conseguiu.

Bom, ele foi chamado no escritório central e, nesse momento, esse italiano Lazzaroti ficou conversando com os representantes da comissão dentro da fábrica. E propôs o pagamento dos dias parados mas não como pagamento desses dias. Ele faria o desconto dos trabalhadores, mas reembolsava esse dinheiro dando-o para a Associação dos trabalhadores. Seria uma média de 100 milhões de cruzeiros que a Fiat pagaria para os trabalhadores. Esse dinheiro seria colocado nas mãos dos trabalhadores que o controlariam e aplicariam na Associação. Ficou tudo acertado, a gente aceitava essa proposta.

Então marcou-se uma reunião para a tarde. Esse mesmo italiano ficou com o resto da diretoria para ratificar e assinar a proposta, e depois trazer para os trabalhadores oficializar na assembleia. A gente ia oficializar mesmo.

Então à tardinha, às 6 horas, na reunião lá no Ministério do Trabalho, estavam esse Lazzaroti, Fernando Guimarães, Capitão Wilson, FIRJAN, FIESP — o lado dos patrões todinho. E eles discutiram lá na mesa e disseram que não iam aceitar aquela proposta feita pelo italiano. Eles tinham consciência de que os apoios da FIRJAN e FIESP iriam ser mais fortes do que o apoio que os outros trabalhadores iam dar aos trabalhadores da Fiat. Então se negaram a aceitar aquela proposta toda; e depois ainda vieram com a desculpa de que nós nos antecipamos e publicamos para os trabalhadores uma proposta que estava sendo feita por debaixo da mesa. Quando a gente diz que não aceita pacto social nenhum com patrão nenhum, é justamente por isso: se ele deu aqui por baixo da mesa, a gente pega e joga em cima da mesa. Então eles disseram que não aceitavam a proposta do italiano justamente porque nós tornamos público à imprensa aquilo que estava sendo feito por baixo da mesa. Inclusive nós até conseguimos gravar a nossa conversa com o italiano; ficou meio enrolado porque italiano fala enrolado pra caramba... mas está gravado. Quer dizer, nessa conversa, foi feita realmente a proposta; e eles, à tarde, correram do pau.

(da entrevista com o Comando de Greve da Fiat realizada pelo CEDI)

7 Fiat decide suspender negociações

A diretoria da Fiat Diesel suspendeu ontem as negociações com os trabalhadores da empresa, em greve há 38 dias, com o objetivo de reestudar as propostas preliminares feitas aos operários na sexta-feira. É provável, assim, que os 3 mil grevistas decidam amanhã, em assembleia-geral, pela continuação da greve. As informações foram dadas ontem por Luís Paulo Giannini, membro da Comissão Interna de Empregados da fábrica. Segundo ele, o objetivo da empresa ao paralisar as negociações "é manter o velho esquema de criar expectativa, procurando esvaziar o movimento e vencer os operários pelo cansaço, o que fatalmente não irá conseguir". (JB)

9 Operários vão continuar greve

Em assembleia realizada ontem de manhã, os operários da Fiat Diesel decidiram manter-se em greve e ratificaram a proposta encaminhada e recusada pela empresa: desconto de 15% ao mês, de julho e dezembro, dos dias de paralisação — essa quantia reverteria para uma bolsa de alimentos administrada pelos trabalhadores — e estabilidade de emprego por sete meses, sendo que nos três últimos só econômica.

Luís Paulo Giannini, da Comissão Interna de Empregados, tentou levar os resultados da assembleia à direção da empresa. Entretanto, encontrou-se no portão com o chefe da segurança da Fiat, Capitão Wilson Cerqueira, o qual, sem esclarecer as causas de sua irritação, ameaçou-o de dedo em riste, dizendo não ter gostado do que foi dito na assembleia, e "se acontecer alguma coisa comigo ou com minha família, te dou um tiro na cara". (JB)

10 Fiat Diesel demite 49 operários grevistas

Os operários da Fiat Diesel invadiram ontem o pátio da fábrica para protestar contra a decisão da empresa de não levar adiante as negociações e, poucas horas depois, quando centenas de policiais-militares expulsaram os grevistas, a direção da firma anunciou mais 49 demissões, inclusive dos 11 operários que formavam o comando grevista. Os metalúrgicos retiraram-se pacificamente, cantando "slogans" de protestos e formaram imediatamente outro comando de greve. (ESP)

Última Hora, RJ



Na mesa de negociações: patrão diz que diz mas não diz

Última Hora, RJ



Votando pelo fim da greve: o guarda de segurança da fábrica

11 Deputados doam "jeton" para a greve

Os líderes do PT, PMDB, PDT e PP, juntamente com outros deputados oposicionistas, doaram Cr\$ 3.243 cada um, quantia igual ao "jeton" referente ao comparecimento a uma sessão da Câmara, aos trabalhadores da Fiat.

Um documento que acompanha a lista de recolhimento das doações afirma: "Como deputado federal, sou solidário com os trabalhadores que elegeram como lema melhor ser um grevista dentro da fábrica do que se tornar um marginal na rua". (FSP)

Culto Ecumênico dá apoio aos trabalhadores da Fiat

"Vim para dar apoio e solidariedade aos grevistas da Fiat, representando a Pastoral Operária da CNBB", disse D. Cláudio Hummes, de Santo André, ao chegar ontem à Associação Atlética Piauí, em Xerém, onde foi realizado um culto ecumênico para apoiar os operários da Fiat que teve representantes de todas as Igrejas do Brasil. Trinta religiosos se colocaram à direita do palanque da AAP, enquanto líderes metalúrgicos ficavam à esquerda. No meio, o Pastor Mozart Noronha, da Igreja Cristã de Confissão Reformada, principal concelebrante do culto.

Contra nossa vontade, estamos submetidos a um sistema econômico que não toma conhecimento de que todos devem participar daqueles bens indispensáveis à sustentação e ao crescimento da dignidade humana", disse o Padre Inácio, da Igreja de São Simão, referindo-se ao sentido da celebração. Os pastores presentes começaram suas mensagens. Falaram o professor Jether Ramalho, da Igreja Congregacional, e Wilson

Guerreiro, da Igreja Metodista. Logo depois falou D. Adriano Hipólito, muito aplaudido.

Antes do culto, D. Adriano Hipólito acusou as novas demissões da Fiat de "estarem dentro de um sistema de injustiças, onde falta sensibilidade aos empresários para o sofrimento do povo". D. Cláudio Hummes encaminhou-se para o microfone.

— Trabalhadores da Fiat e demais presentes. Estou chegando do ABC e venho trazendo o apoio daquele povo e dos trabalhadores para vocês. A luta não é só para vocês (o resultado), mas os trabalhadores de todo o Brasil. A luta contra o desemprego é a luta fundamental do povo brasileiro. D. Luciano Mendes, secretário-geral da CNBB, em conversa mantida entre nós pelo telefone me disse para mandar-lhes um abraço e toda a solidariedade da CNBB. Só com a união de todos os trabalhadores do Brasil, e não divididos em sindicatos, será construído um Brasil melhor.

— Só unidos e organizados se pode lutar com o poder que quer esmagar e humilhar o trabalhador — disse D. Cláudio Hummes — Todos sabemos que a estrutura sindical do Brasil é falha, e não permite a reunião nacional dos sindicatos, que seria uma coisa muito boa, e que nós apoiávamos.

Antes de chegar ao microfone, os presentes já gritavam o nome de D. Mauro Morelli, o novo Bispo de Duque de Caxias. "Peço a todos na comunidade que façam preces e coletas de fundos para os grevistas da Fiat" — disse ele. — Peço uma resposta agora — continuou — ao Presidente da República, quando ele afirmou que "está na hora de as multinacionais pagarem o preço". O preço é garantir um salário justo e estabilidade para os trabalhadores. Peço também muita consciência às multinacionais, pois elas são monstros sem coração e sem rosto: invadem os países para explorar a sua riqueza e a força dos seus trabalhadores, deixando para trás o lixo da exploração (aplausos).

— Elas só têm compromissos com elas mesmas. Diante da força de monstro tão poderoso, é preciso a união de todos os trabalhadores. Vamos continuar, fortes mas não violentos. Contra um povo unido, consciente e firme, não há força que agüente. Os presentes começaram a gritar "o povo, unido, jamais será vencido" (os bispos também). "Queremos trabalhar, o patrão não quer deixar" e a marchinha "A bênção, João de Deus". (JB)

12 Operários da Fiat terminam greve

Por 1 mil 232 votos — de um total de 1 mil 398 votantes — os operários da Fiat, em votação secreta, aprovaram ontem a suspensão imediata da greve, já em seu 42º dia. Na presença do delegado Regional do Trabalho, apenas 10% (137 operários) votaram pela continuação; houve 4 votos nulos e 25 em branco. A votação foi realizada após debates sobre a "ata dos seis itens", pela qual a empresa se compromete a não demitir nos próximos quatro meses (se isto ocorrer, por motivos "relevantes", haverá uma indenização escalonada) e a fornecer bolsas no valor de Cr\$ 10 mil 600 para 87 dos demitidos. Os dias parados serão descontados parceladamente e os demitidos terão auxílio-desemprego durante até seis meses, no valor de 80% do salário-mínimo regional. (JB)

13 "A greve não parou. Foi parada"

"A greve não parou. Foi parada", avisava o grevista demitido Luís Paulo Giannini, a todos os que lhe perguntavam se o movimento dos operários da Fiat Diesel, tinha acabado. Insatisfeitos com o que a empresa ofereceu, os operários marcaram

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE APOIO MÚTUO - ACAM



assembléia para quarta-feira, às 17 horas, em Xerém, e no dia seguinte o Sindicato dos Metalúrgicos realiza votação para saber se os trabalhadores querem mesmo voltar ao trabalho. O Comando da Greve, reunido quase todo no gabinete do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Oswaldo Pimentel, ontem, pôs em dúvida a validade da eleição que decidiu a volta ao trabalho, e alertou para que Pimentel não assinasse a proposta de acordo feita pela Fiat Diesel, anteontem. "Podemos ser derrotados totalmente, mas não aceitamos migalhas da fábrica", afirmou Jorge Nunes, outro grevista demitido. (JB)

Trabalhadores criam associação de apoio

Hoje, às 9 horas, na subdelegacia sindical de Xerém, os operários da Fiat Diesel fundam a Associação Cultural de Apoio Mútuo e Prestação de Serviços dos Trabalhadores da Fábrica, que ficará sob o "inteiro controle dos operários" segundo João Leal, e não ligada ao Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, como quer a empresa. A Associação deverá funcionar como um fundo de greve e sua criação foi inspirada nas associações existentes em São Bernardo do Campo e Santo André, em São Paulo, que auxiliam os metalúrgicos em suas greves, fornecendo alimentos e ajudando a pagar as contas dos operários. Além dos trabalhadores da Fiat, a Associação está aberta aos agricultores da região. (JB)

Sindicato se apressa em acabar greve

Ordem de Serviço do Sindicato dos Metalúrgicos. Face o encerramento da greve da Fiat, fica deliberado pela Diretoria:

- 1º Assinar o Acordo Autorizado pela categoria
- 2º Desativar todos setores do Sindicato cedidos para utilização durante o movimento



3º Desautorizar qualquer notícia ou informação de que dependências do Sindicato serão utilizadas para sede da Associação...

5º Confirmar que não há reunião ou Assembléia convocada oficialmente pelo Sindicato para esta semana

6º Os setores competentes deverão tomar as providências aqui determinadas.

Rio de Janeiro, 13 de junho de 1981.

A Diretoria

16

Sindicato não apóia assembléia da Fiat

Apesar de o comando de greve dos trabalhadores da Fiat Diesel ter convocado para amanhã uma assembléia geral, o Sindicato dos Metalúrgicos não apóia e nem fará edital de convocação a respeito. Segundo o assessor jurídico do Sindicato, "mobilizar os operários para uma nova greve, além de ser inútil, colocaria em risco a vitória obtida com o movimento".

Representantes da Comissão Interna da Fiat recentemente demitidos pela empresa afirmaram que o Sindicato determinou que, dentro de dois dias, todas as dependências do Sindicato sejam desocupadas pelo comando de greve, inclusive os locais onde ainda existem alimentos recebidos como contribuição para o movimento.

O assessor jurídico do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos confirmou a medida, explicando que "não há sentido em se abrigar o comando de uma greve que não existe". (O Globo)

17

Acordo que pôs fim à greve da Fiat é assinado

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas assinou ontem, junto com o diretor de Relações Industriais da Fiat Diesel, o acordo que pôs fim à greve de 42



TUDO QUE OS TRABALHADORES BRASILEIROS CRIARAM ATÉ HOJE NÃO ESTÁ EM SUAS MÃOS. TODAS AS ENTIDADES DITAS DE TRABALHADORES ESTÃO SOB O CONTROLE DE GRUPOS E PESSOAS QUE NUNCA ESTIVERAM COMPROMETIDAS COM A CLASSE TRABALHADORA.

dias dos operários da fábrica em Xerém. Pouco antes da assinatura do documento — já registrado pelo delegado Regional do Trabalho, alguns dos operários agrediram funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos, por não concordar com o acordo. O acordo é o mesmo apresentado quinta-feira passada, quando

houve uma votação que decidiu pela volta ao trabalho na Fiat Diesel: a empresa não demite ninguém de julho a outubro; vai tentar colocar em outras fábricas 87 dos demitidos em 29 de abril; descontará os dias parados (10% em julho; 15% de agosto a dezembro e 15% no 13º salário); e auxílio-desemprego para os que não forem aproveitados. Os operários da Fiat Diesel que fizeram greve não concordaram com alguns itens desse acordo e tinham avisado ao presidente do Sindicato que não deveria assinar o documento antes da assembléia-geral convocada para hoje, às 17:00 horas, em Xerém. Ele porém não os atendeu. (JB)

18

Metalúrgicos explicam a briga com os diretores do sindicato

Uma nota do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas do Rio de Janeiro, divulgada sábado, foi o motivo do desentendimento e da briga entre a comissão interna da Fiat Diesel e os diretores do sindicato, anteontem. Na nota o sindicato decide assinar o acordo com a empresa, desativar o comando da greve, desautorizar a utilização das dependências do sindicato para formação de associação e confirmar que não havia nenhuma assembléia-geral marcada pelos operários da Fiat. Ontem à tarde, em assembléia no portão da fábrica, em Xerém, a comissão interna informou que foi recebida com agressões no sindicato, revidou e pôs em votação se deveria sair da subdelegacia sindical de Xerém — os operários votaram pela permanência — como quer a diretoria do sindicato, de acordo com a nota divulgada sábado entre os operários da Fiat Diesel. Luís Paulo Giannini, da comissão interna, e um dos que brigaram com os diretores do sindicato, contou que "nós fomos lá para discutir com o Oswaldo Pimentel (o presidente) a nota de sábado, mas alguns diretores começaram a nos agredir, a nos expulsar do sindicato e até a puxar arma contra nós. Aí a peãozada ficou louca e bateu neles também". (JB)

DA FNM À FIAT... O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES

Naquela época tinha aquele bate-papo no "Bafo da Onça"

Peão (*)

A primeira greve que eu participei foi na FNM. Ainda não era Fiat, era FNM.

Eu tinha entrado na fábrica há 19 dias. Não tinha vaga na oficina, então eu fui para as obras. (...)

E... sei lá, parece que era uma união maior do que agora. Era bem mais unido na época da FNM — que depois, em 67, passou para a Alfa-Romeo, que depois passou para a Fiat. Naquela época havia mais união, tinha mais delegado dentro da firma, e o pessoal ficava mesmo à vontade.

Eu, quase todo dia, podia tirar duas horas de almoço, e na hora do almoço tinha aquele bate-papo no Bafo da Onça; lá a gente começava a falar, ninguém saía, aquilo ficava cheio de gente. Eu gostava daquilo.

Bafo da Onça é um lugar de bate-papo; fica perto do rancho; tem um pé de árvore onde o delegado ou outro cara subia e metia o sarrafo lá de cima.

Mas a Fiat entrou na rigorosa

Peão

Eu entrei na Fiat (que não era Fiat, era Alfa-Romeo) em 69, precisamente em janeiro.

E logo uns dois ou três meses depois que eu entrei houve uma paralisação. Foi a primeira paralisação de que eu participei: greve mesmo, essa foi a primeira. (...)

Mas aquela paralisação na Alfa-Romeo foi uma coisa curiosa. Os pagamentos saíam do dia 19 ao dia 5. Aí houve um atraso de dias no pagamento. Então parou todo mundo, e o pagamento teve que sair naquele dia; saiu à tarde, pagaram sem recibo mas tiveram que pagar naquele mesmo dia.

Então essa foi a primeira greve que participei.

Depois veio aquele período de arrocho e ninguém falava mais em greve, todo mundo se assujeitava ao tipo de administração e mesmo de pressão lá.

A Alfa-Romeo não era igual à Fiat. Na Alfa-Romeo tinha muita liberdade, a gente trabalhava lá até com liberdade demais porque não tinha assim compromisso rigoroso de produção.

Tinha ficha de produção mas você botava na ficha quanto queria; não havia fiscalização. (...)

Mas a Fiat entrou na rigorosa. Se o camarada bota que fez tantas peças, eles vão contar as peças, ou vão ver a quantidade de peças que vai para a montagem; e a montagem não pode parar por falta de peças, a montagem sempre tem que ter peças, o que já obriga o camarada a produzir a quantidade obrigatória de peças. Inclusive o meu chefe foi punido 5 ou 6 dias antes da greve agora, porque ele estava fazendo um documento como

ele estava acostumado a fazer no período da FNM e da Alfa-Romeo. É que a nossa produção já é bastante alta, mas ele aceitou acoplamento das máquinas para diminuir o efetivo, quer dizer, para diminuir os homens que trabalhavam ali: eram 17 e eles botariam 11. Ele aceitou colocar as máquinas acopladas (um homem para duas máquinas). Mas ele cumpria o programa só no papel. Na realidade ele fazia empréstimo de mão-de-obra; quer dizer, quando tinha uma produção bastante alta, ele ia ao outro chefe e dizia: "ô, a produção está estourando". E o outro: "então vou te emprestar uns homens aí". E fazia documento emprestando homem; aquela transa toda de chefia para chefia. E aí ia muito bem. Mas quando os homens acoplaram as outras máquinas, nas outras linhas também, aí ficava difícil de fazer isso porque as outras linhas estavam muito fechadas, a produção estava muito justa, então não tinha mesmo ninguém para pegar emprestado. Então ele aí chutava.

Acoplar máquina é o seguinte: tem uma máquina ali, vamos supor, com um tempo de operação de 30 minutos (não é isso, sempre é menos, mas vamos dizer 30 minutos); e tem uma outra máquina, vamos supor, com o tempo de operação de 5 minutos. Então o tempo de 30 minutos que o camarada ia esperar ali na máquina de 30 minutos, ele vai para aquela de 5 minutos e fica trabalhando lá; quando a primeira terminou a sua operação, ele vai lá, abastece novamente e volta para a outra que tem menos tempo. Só que na realidade, os tempos são bem fechados, são 5 minutos e 3 minutos. Então o camarada tem que ir lá e cá, lá e cá, lá e cá. Resultado, o meu chefe lá não dava a produção, nem na máquina de lá nem na de cá; o homem tinha que abastecer uma máquina, tinha que voltar para a outra, a de cá já estava parada... Aí então é que ele achava melhor pegar homem emprestado para ali, colocava na linha e as máquinas trabalhavam o tempo todo. E no papel cumpria a produção.

No momento em que eles descobriram, iam até mandar ele embora. Mas isso é só para mostrar a diferença da Alfa-Romeo para a Fiat. E também a Alfa-Romeo, vamos dizer, era menos organizada do que a Fiat, então tinha condições de fazer todo esse tipo de trambique, inclusive de marcar o cartão e não comparecer. Tinha também serviço médico; em 69, quando eu entrei, a família dos operários ainda tinha assistência médica, tinha médico para os operários a qualquer hora, e também para as famílias que moravam ali naquela redondeza; eles faziam inclusive atendimento na estrada.

Então eles foram cortando tudo o que tinha de vantagem para os operários e para as famílias, foram só tirando da gente: tiraram os direitos de insalubridade de muitos setores. A insalubridade ficou só para o pessoal da linha de produção, que é quem trabalha em máquina; e tiraram do pessoal da lubrificação (que também trabalha direto na máquina!), do pessoal da manutenção; depois esse pessoal recorreu e muitos deles ganharam.

Mas tudo isso foi trazendo uma certa revolta no pessoal. Alguns foram saindo aos poucos, e foram entrando novo pessoal. Então era assim: quem tinha matrícula de número 9.109 para cima não tinha nenhum direito. Por exemplo, eu entrei em janeiro e a minha matrícula é 9.049; e quem entrou em março, que a matrícula nessa época já era de 9.109 para cima, já não tinha os direitos que eu tinha: eu tinha 30 dias de férias, e o pessoal que entrava dois ou três meses depois de mim não tinha 30 dias, tinha só 23 dias. Eu tinha insalubridade, condução

de graça, prêmio de assiduidade, de produção; esse pessoal não tinha. Eu tinha as 240 horas, o pessoal que entrou depois não tinha; quer dizer, a gente pegava às 7 horas e largava às 5 horas, então nos 5 dias não dá para completar as 240 horas, aí eles completavam para a gente, mas para esse pessoal não completavam. Então um pessoal que entrava no mesmo ano que a gente, três ou quatro meses depois, ficava nessa diferença: um tinha salário bem melhor, tinha vantagens, o outro não tinha nada disso.

Então tudo isso foi juntando essa turma que entrou depois. Quando o Giannini entrou, já entrou nessas condições de desvantagem. Aí ele começou a levar o pessoal a se movimentar pelo respeito desses direitos — que no caso era mais a insalubridade, a assiduidade, o direito à condução; e eu acho muito justo todo mundo com direitos iguais.

Foi aí que eles, então, se reuniram lá e fizeram uma comissão. Era comissão de fábrica, como eles chamavam. Já existia a delegação sindical. Ficou então a delegação sindical e a comissão de fábrica, assim paralelas. Em todas duas, ninguém tinha garantia de emprego. Com a greve de 78 é que se conseguiu a estabilidade para a delegação.

Vem cá, não dá pra trabalhar com 5 máquinas?

Peão

Eu ainda quero recordar um pouquinho da antiga FNM.

Eu acho que no tempo da FNM havia mais justiça para os trabalhadores. Até a alimentação era melhor: a pessoa tomava leite à vontade, porque a pessoa precisa tomar leite.

As classificações dos setores eram também mais justas. Era ajudante, operador de máquina e depois, se era torno, por exemplo, era torneiro de 3ª, de 2ª, de 1ª. Então era padronizado. Agora, da Fiat para cá, embolou o meio de campo. Apareceu um tal de operador classificado, operador especializado, não sei o que mais, servente; e o camarada está trabalhando em torno, está trabalhando na retífica, está na furadeira... Eu sei é que o negócio virou ninho de guacho, como diz na gíria. E no tempo da FNM não era assim, era cada qual dentro de seu limite de trabalho: se era carregador, era carregador; se era servente, era servente; se ajudante, era ajudante; se profissional, era profissional.

Lá na FNM tinha muita vantagem; é aquele negócio, a gente ganhava pouco mas era divertido. Tinha brinde no fim do ano, tinha churrasco, a gente levava o pessoal amigo, levava parente, criança, a fábrica ficava por conta do operário. Hoje você não pode levar nenhum colega para entrar lá dentro porque você vai passar vergonha: logo no portão, ele é barrado. Tinha também acampamentos, a gente pagava uma taxazinha lá, uma micharia.

Para o operário, no tempo da FNM era melhor do que agora. A Fiat tem esse nome todo, mundialmente, mas para o operário ela não está com nada mesmo, sinceramente. Ela dá emprego, está certo, mas para tratar o operário... é um cutuca, cutuca, cutuca, que o cara... não sei como aguenta.

Eles estão querendo que o operador lá opere com 5 máquinas, rapaz! Na segunda-feira o engenheiro chegou perto de um cara e falou:

— "Vem cá, não dá pra você trabalhar com 5 máquinas?"

E o cara:

— "Não dá".

E o outro insistindo! Aonde é que esse homem está com a cabeça?



Antigos e novos juntos: a luta vem desde a FNM

Trabalhar para viver, sim; trabalhar para morrer, nunca.

Peão

No meu setor, o chefe pediu para eu trabalhar em 4 máquinas. Ele trabalha; então veio falar comigo. Eu falei:

— "Não. Trabalho em uma e não mais do que uma, somente em uma. Se eu for em outra, eu páro nessa e vou para a outra; porque a hora em que a máquina quebrar, você vai dizer que não mandou. A não ser que você me dê um documento se responsabilizando pela máquina, porque ela vai quebrar mesmo, é furadora e então vai quebrar".

Aí ele falou:

— "Mas não é para dar produção não".

Eu falei:

— "Eu sei que não é para dar produção. Hoje, não é? porque amanhã vai ser. Hoje não é, você quer só medir, quer ver se tem condições. Amanhã vocês quer que dê. Então não vou fazer".

E ele:

— "Está bem, você não vai fazer. Era só para experimentar".

E eu:

— "Se é para experimentar, então você bota outro para experimentar, se ele aceitar".

E como eles falava lá que a gente tinha perdido a greve e então tinha que se ajustar às condições, eu ainda disse:

— "Olha, você não pensa que isso que vocês estão falando aí vai modificar alguma coisa não, porque eu continuo com a mesma mentalidade: trabalhar para viver, sim; agora, trabalhar

(*) Os trabalhadores identificaram-se todos como peões, ao falarem da greve. Por isso, usaremos sempre a palavra peão para designá-los, indicando com a palavra comando aqueles que fizeram parte do Comando de Greve. Os depoimentos que se seguem foram colhidos pela equipe do CEDI e colaboradores em julho de 1981.

para morrer, nunca, nunca vou fazer isso, você nem precisa pensar.

Mas tem um colega lá na linha que faz, trabalha em 3 máquinas e diz que dá para trabalhar até nas 4.

A greve de 78: o líder é todo mundo

Comando de Greve

Bom, na realidade, depois de 64, o movimento começou em 78.

Aí a gente teve, na campanha salarial de 78, já no final assim da campanha, uma movimentação bastante grande dentro da Fiat. Com assembléias assim de 500 pessoas ou mais.

Quando eu entrei na fábrica, lá por 76, o normal das assembléias era, quando ia muita gente, ia umas 50 pessoas. A diretoria do sindicato não tinha nenhum interesse nesse negócio; e só convocava assembléias mesmo — assim do patrão deixar alguns ônibus lá, porque tem todo o problema do transporte ali, — quando era para fazer assembléia de homologação. Então isso já era assim muito certinho dentro da cabeça dos operários: “a gente só precisa ir numa assembléia do sindicato, que é aquela que faz a homologação”. E era mais interessante o seguinte: pela lei, na assembléia tem que ter uma lista de presença de tantos por cento dos operários da fábrica; então já era muito comum os caras irem naquela assembléia da homologação, assinar presença e se mandar, irem para casa. Então você tinha uma lista de presença de mais de mil pessoas, e uma assembléia com 100. Isso era muito normal. E a gente enfrentou muito esse problema depois, porque o pessoal estava acostumado com esse negócio: ia lá, assinava o livro e se mandava, ia embora. Então isso era um pouco assim a realidade. (...)

No final da assembléia de homologação do acordo daquele ano (78), aconteceu a primeira amostragem assim de quem era o Pimentel. Ele já tinha assumido (a presidência do sindicato) em março, e isso foi em agosto. Então teve a assembléia com muita gente, devia ter uns mil peão na assembléia de homologação, quer dizer, era um negócio novo depois de 64. E os patrões não tinham chegado a dar quase nada nas negociações. Realmente a proposta dos patrões estava muito ruim. E a gente com um clima dentro da fábrica inclusive com possibilidade de ter greve; mas muito desorganizado. A gente tinha conseguido fazer algumas reuniões fora da fábrica, mas muito poucas, com muito pouca gente. Mas o clima dentro da fábrica... com as greves do ABC, com alguns acordos que tinham saído — não tinham saído em greve mas tinham conseguido algumas vantagens, porque naquela época ainda estava nos aumentos anuais e nós conseguimos algumas vantagens além do índice do governo e tal; e ia devagarinho assim... E no dia da assembléia de homologação, aí o Pimentel bagunçou a assembléia. Fez umas cinco votações. O pessoal não queria aprovar a proposta dos patrões. E o Pimentel, uma hora dizia que quem era contra levantasse o braço, outra hora dizia que quem era a favor levantasse o braço, no final o pessoal se confundiu, ninguém entendia mais nada, e ele deu o negócio como aprovado. E foi uma decepção desastrosa.

E depois, dentro da fábrica, pra gente tentar reanimar o pessoal foi uma dificuldade muito grande. Porque a gente fazia um trabalho muito em cima de dizer: vamos fortalecer o sindicato, não sei o que...; aquele negócio todo. E o pessoal viu que na hora em que eles vão, o sindicato abre as pernas. E era isso que o pessoal falava: “pô, o sindicato diz que só é forte com a presença dos trabalhadores. A gente foi, chegou lá, o próprio presidente do sindicato abriu as pernas e fez uma merda daquelas!” (...)

Última Hora, RJ



Assembléias lotadas: coisa nova depois de 64

Agora, a gente tinha conseguido naquele acordo uma coisa que foi importante: os patrões não deram nada mas a gente conseguiu deixar em aberto, dentro do acordo, três pontos para serem discutidos 90 dias depois, e que seriam: o transporte noturno (que o pessoal que trabalhava à noite não tinha transporte), 20% além do índice do governo, e 240 horas mensais (que a fábrica não pagava 240 horas, pagava só as horas trabalhadas). Então a gente conseguiu amarrar esses três itens para ser discutido 90 dias depois. Isso, pra gente que estava interessado no movimento, era uma segurança da gente rearticular o pessoal 3 meses depois, e com possibilidade de sair uma greve. (...)

E a gente saiu achando que foi alguma coisa positiva exatamente ter se amarrado aqueles três trechos lá. E 3 meses depois, lá por novembro, a gente voltou a reanimar o pessoal, todo aquele negócio, e fizemos uma assembléia na véspera da primeira negociação com os patrões. A gente fez uma propaganda, mais ou menos fazendo assim um histórico das greves do ABC, das lutas e os acordos que tinham sido feitos, das vantagens que os trabalhadores já tinham feito, e mostrando porque é que o pessoal tinha conseguido aquelas vantagens: foi porque se movimentaram, fizeram greve, não sei quê e tal. Aí fizemos a assembléia para tentar testar como é que estavam os ânimos do pessoal, a mobilização e tal. E teve umas 500 pessoas na assembléia. Não saiu uma proposta de greve aprovada na assembléia, mas as propostas de greve foram lançadas. E a partir daquela assembléia, não saiu também nenhum comitê de greve organizado. Mas no dia seguinte a fábrica parou às 8 horas da manhã. O pessoal resolveu: “não vamos discutir mais com os patrões com as máquinas funcionando”.

Aí foi um negócio interessante, porque, porra, depois de 64, era a primeira greve que se fazia; então a maioria do pessoal não tinha experiência de greve, era gente nova, nunca fez greve na vida. O pessoal antigo era muito medroso (1) porque tinha toda a experiência de 64 e em 64 a repressão foi muito grande dentro da firma.

Então teve uma certa dificuldade. Mas Brasília (2) — que é onde se concentra o maior número de trabalhadores da Fiat juntos no mesmo galpão — sempre é o termômetro assim da fábrica, exatamente por concentrar mais gente. E quando Brasília pára, porra, já pára uma parte considerável da fábrica. Então a gente (o pessoal da comissão) partiu pra Brasília, fomos consolar o negócio em Brasília porque a gente sabia que segurando Brasília, o resto ia ter que parar. E saímos depois fazendo reuniões pelas seções, e falamos com o pessoal assumindo mesmo aquele negócio; falamos que o pessoal tinha que parar porque agora tinha que parar todo mundo porque senão ia ferrar quem

Última Hora, RJ



Em 79, trabalhadores da Fiat exigem coerência do sindicato

já tinha parado. E orientamos o pessoal para uma coisa que naquela época era uma palavra de ordem — na greve do ABC também tinham feito isso porque era uma repressão desgraçada, ainda não se falava em “abertura” naquela época — uma palavra de ordem que era a de que ninguém se apresentasse como líder, como cabeça de coisa nenhuma: “qualquer chefe, qualquer segurança, qualquer cara estranho que chegar perto perguntando, a palavra de ordem, companheiro, é que o líder é todo mundo”. Todo mundo parou, não é? Então quem é o líder de quê? A gente até foi criticado, eu fui criticado, porque a gente deu entrevista dizendo que não sabia da greve. Pô, quem que naquela época era doido de dizer que tinha organizado greve? Se eu admitisse que a gente tinha organizado, o pau comia em cima da gente! Então uma forma de desnortear os caras da repressão era dizer: “não, a greve? os trabalhadores fizeram, ninguém organizou porra nenhuma”. Na verdade, não tinha uma grande organização, mas que foi feito um trabalho pra isso, foi...

E a gente saiu dessa greve com as 240 horas resolvidas, com o transporte noturno e, dos 20%, a gente conseguiu 15%. E ainda entrou mais um item durante a greve, um item que não estava naqueles três itens, e que foi a estabilidade para a comissão.

(1) Peão

O pessoal mais antigo era mais medroso porque, sei lá, não era bem medroso, era mais acomodado. Porque a gente mais antigo já tinha as vantagens, e os outros não tinham. Os antigos tinham medo de perder os privilégios. A gente pensava assim: “eu vou brigar por causa dos outros? O problema é deles, eles é que têm que brigar.”

Mas depois que eles (os mais novos) começaram a parar, aí obrigaram os outros a parar também: ou paravam ou levavam ferro ou qualquer coisa na cabeça. O Giannini é meio temperamental, e é corajoso; ele saía pela fábrica e gritava para o pessoal parar e o pessoal que não queria parar por bem, parava por mal. E também eles gritavam para os que não queriam parar: “seu puxa-saco, seu pilanta, seu não sei o quê...” Então o camarada ficava com vergonha de ver os colegas passando e chamando a gente dessas coisas; aí paramos também: “vamos parar e ver o que é que dá.” Paramos mesmo com medo do chefe, que perguntava: “e por que vocês estão parados?” E a gente: “e eu vou trabalhar pra jogar ferro na minha cabeça?” Aí você vai tomando coragem, você vai vendo...

Quer dizer, muitos de nós já estavam acostumados com greve. Mas em 64 foi aquela repressão toda, então o camarada ainda sente medo de que vai repetir novamente aquelas cenas... ele viu muita gente sair, ser arrancado de metralhadora lá das máquinas. Então os camaradas mais antigos estavam com medo (em 79). Mas a turma nova que não tinha visto nada daquilo e que estava entusiasmada, fez os outros também se entusiasmarem.

Uma greve que já nasceu com uma força muito grande

Comando

Em 1979, foi aquela força do movimento e tal. Aí já foi um negócio mais bem feito. A gente escolheu uma comissão de salário, foi feita a assembléia legal como o sindicato tem que fazer e tal. Agora, existia já antes (da greve) um grupo de trabalhadores que se encontrava fora da fábrica, pela experiência que já tinham. E foi muito discutido o problema da greve de 79. Aí já foi realmente uma greve mais organizada, discutida fora da fábrica, com comando que ninguém conhecia dentro da fábrica (um grupo que estava organizando sem conhecimento do patrão porque senão seria demitido...); e tinha a comissão feita pela delegação sindical.

Então a greve de 79 foi uma greve que já nasceu com uma força muito grande. No início da greve, o sindicato tentou acabar com ela de todas as formas; foram pra dentro da fábrica fazer o pessoal voltar a trabalhar.

No primeiro dia, realmente, a fábrica só parou uma parte. Foi dia 23 de junho; ficou parado só Brasília, o dia inteiro. E o resto da fábrica não parou porque a pelegada foi toda lá dentro, fizeram uma confusão do cacete; e o pessoal do resto da fábrica não parou. Aí se fez uma assembléia e na terça-feira (dia 24) a fábrica voltou a parar, aí parou toda. O pessoal de Brasília saiu e parou a fábrica toda.

Aí os caras vieram e fizeram uma assembléia para decidir se continuava ou não em greve. Aí foi uma assembléia que terminou em quebra-quebra, quebraram tudo que era cadeira; quase mataram os caras do sindicato porque eles botaram em votação a proposta de continuar ou voltar ao trabalho, e ninguém se entendeu. (...)

E na quarta-feira (dia 25), depois desse quebra-quebra, teve o problema da prisão do Giannini. O pessoal assim mesmo, depois do quebra-quebra e aquele negócio todo, saíram meio divididos, naquela confusão; ninguém tinha entendido, no final, se era para voltar a trabalhar, se era para não voltar. Então eu lembro que muita gente chegou na fábrica e trocou de roupa pra trabalhar. Foram para a seção e tal. Mas logo na entrada, quando ia passando o Giannini, os caras da segurança lá da empresa pegaram o Giannini e levaram ele para o SP. E o pessoal que estava entrando viu aquele negócio. (...)

Aí um negócio bonito pra cacete foi a reação do pessoal. O pessoal viu ele ser levado pra lá e quando a notícia correu den-

(2) Você fala muito em “Brasília”. O que é isso?

— Brasília é um setor da empresa, um pavilhão grande.

E o que se faz lá?

— É um pavilhão que tem usinagem, tem montagem de motor, tem uma porção de coisas, tudo dentro daquele mesmo pavilhão.

Por que é que se chama Brasília?

— Eu não sei porque. Acho que foi porque aquele trecho deve ter sido inaugurado na mesma época que Brasília. Aí os caras começaram a chamar aquilo de Brasília.

E lá é que sempre pára primeiro, nas greves.

— É, isso também é outra coisa. A estrutura capitalista empresarial sempre vai fazendo a divisão. É incrível: o terreno da empresa é bem grande, então você vê um galpão aqui, um outro lá no raio que o parta, o outro lá não sei onde. É difícil de você se comunicar de um pavilhão para o outro. O pessoal do mesmo pavilhão consegue se comunicar, mas de um pavilhão para o outro já é difícil porque aí já tem o problema de você não poder sair de um pavilhão para o outro, só se for com um papel assinado pelo teu chefe. Há toda uma dificuldade, mesmo por causa das roupas; as cores das roupas são diferentes: o pessoal da produção, a inspeção, os técnicos, a manutenção, tudo é roupa diferente, cada um tem uma roupa. Então um cara que trabalha num lugar e não está no lugar dele, todo mundo vê, e ficam inspecionando em cima dele para saber o que ele está fazendo ali. É muito fácil identificar.



O apoio indispensável na greve



Vitória em 80: estabilidade para a comissão de fábrica

tro da fábrica, a peãozada parou toda e foi da fábrica para o SP (que fica na entrada); saiu até fotos no jornal. Então foram para o SP para poder ver o Giannini. Foi um negócio bonito pra cacete porque, pela primeira vez, a fábrica inteira realmente se mobilizou. E dali pra diante, os caras ficaram num cagaço do cacete porque viram aquela massa vindo para o SP e pensaram: “o pessoal vai quebrar essa porra toda aqui pra tirar o companheiro”. E, com medo, realmente tiveram que trazer o Giannini para a presença da massa.

E aí, a partir desse incidente, consolidou realmente a greve. Aí realmente parou tudo. Os caras, depois, abriram os portões, mandaram o pessoal embora para casa, e a greve aí amarrou de vez.

Eu acho que uma coisa muito importante que saiu da greve de 79 foi uma comissão de fábrica que terminou depois não se

consolidando assim muito organizada na prática. Mas teve momentos, durante a greve, de estar participando dessa comissão mais de 150 caras. Mas teve um negócio que eu acho que foi um erro desgraçado; é que se chamou, de cima do auditório, assim: “quem quiser participar da comissão, venha!” Quer dizer, quase todos os dedo-duro que estava na assembléia subiu ali... Era um negócio assim meio amador; realmente era bonito, era emocionante, mas em termos de segurança, foi uma droga. Inclusive depois teve muita gente demitida da fábrica porque foi muito fácil os caras identificarem. E terminou a greve. Eu acho que foi uma vitória muito grande em 79, inclusive com a volta do Giannini, com a taxa de insalubridade garantida a partir de uma perícia que foi feita pelo Ministério do Trabalho mas com acompanhamento nosso.

Essa perícia era realmente um negócio muito novo. A gente acompanhou com dois delegados sindicais acompanhados de dois técnicos (nossos). A fábrica, por seu lado, também tinha os direitos dela, paritários. E foi muito importante a gente ter acompanhado esses caras do Ministério do Trabalho. (...) E então sim, foi feito um levantamento de todos os setores da fábrica, um mapeamento, foi tirado cópia desse negócio todo e aí se sentiu esse mapeamento na visita. Aí se teve oportunidade de enfiar a cara deles nos pior lugar da fábrica, lugar brabo mesmo. E isso foi importante. O resultado do laudo técnico, é claro que depende do cara do Ministério do Trabalho, é ele que dá a palavra final. Então não veio realmente um laudo que satisfizesse o que a gente esperava. Mas deve ter perto de mil pessoas que passou a ganhar insalubridade a partir desse laudo. (...)

Aí foi quando a gente, inclusive, fez um subsídio e, com aquele documento na mão, a gente teve condição de imprensar a fábrica em um bocado de coisas. A partir do laudo técnico, dos termos de notificações, do laudo de segurança do médico, então tinha muita coisa que já dava para a gente criar uma briga muito grande — e foi por isso exatamente que o Juvenal foi demitido. (1) Ele levou a sério aquele negócio e estava dando muito prejuízo à Fiat, ela estava sendo obrigada a gastar um bocado de dinheiro.

Da greve de 79 saiu também uma comissão e dela faziam parte os 6 delegados sindicais; e novamente continuava os delegados com estabilidade.

E tivemos a experiência de todo o período de agosto de 79 a agosto de 80, quando a comissão achou que teve uma atuação muito grande dentro da empresa.

Aí é claro que os caras tentaram todas as formas de destruir o movimento, destruir a gente da comissão, desmoralizar. Enfrentamos barra-pesada da empresa.

cheio d'água, o pessoal tinha que passar em cima de um estrado para não pisar dentro d'água.

Outra coisa, quando dava a hora do almoço, o camarada estava trabalhando com ferro fundido que solta aquele pó, aquele alumínio, então a mão dele está toda preta, o cabelo cheio de alumínio, de apara de aço. E ele, sem tempo de tomar banho, ia para o refeitório todo suado; começava a servir a comida e o suor pingava dentro do arroz...

E depois que essa comissão da CIPA dos trabalhadores veio, começou a ver tudo isso e a lutar contra tudo isso. E aí a coisa começou a melhorar.

Melhorou a higiene do refeitório. Agora os talheres são esterilizados na alta temperatura. Antes, quando a gente pegava a bandeja, ainda tinha resto de comida... porque a máquina a vapor que tinha lá não limpava direito. Hoje já melhorou bastante. Outra coisa, antes, quando a gente entrava na firma, ela já dava o talher para a gente. E se você perdesse o talher, era descontado; então você tinha que andar com ele no bolso, ia trabalhar com o talher no bolso. Na hora que ia almoçar uns lavavam o talher, outros comiam com ele sujo mesmo. Às vezes não tinha água para lavar... Agora é diferente. Tudo por causa da CIPA que procurava melhorar a parte do operário.

Greve de 80: “Não vamos abrir mão da estabilidade da delegação”.

Comando

Aí vem 1980 que assim em termos de movimento operário no Brasil, se sentia que era um momento já um pouco de refluxo. Estava o problema dos aumentos semestrais — que os caras fizeram mesmo para baixar o ânimo, e que realmente funcionou. E a gente mesmo da comissão estava assim meio duvidoso: “bom, parece que esse ano não dá para sair greve e tal”, as assembléias não estavam muito concorridas...

E durante as negociações com os patrões, a gente já estava assim um pouco meio desesperados porque os caras não estavam querendo dar nada e a gente sentia o pessoal realmente meio fraco. Tanto que em 80, eu acho que a gente abriu mão de muita coisa (tinha uma minuta de 48 itens) porque estava sentindo que o pessoal não estava realmente mobilizado.

Mas no final, nos últimos dias já das negociações, o negócio foi apertando porque a gente sentiu que os patrões estavam batendo muito em cima do problema da comissão, falavam de não dar mais estabilidade para a comissão. Aí a gente tentou fazer uma denúncia mais radical.

Eu acho que a greve de 80 foi muito importante nesse sentido: mostrou que realmente pesou muito para o pessoal o trabalho que a comissão tinha feito na fábrica. Tanto que até aí, a gente estava sentindo que o pessoal já estava abrindo mão de uma porrada de coisas. Mas quando os patrões bateram pé e fizeram todo um esquema para no fim arrebentar com o negócio de estabilidade, aí o pessoal realmente reagiu. Foi aí que o pessoal reagiu, e a greve de dois dias, em 80, saiu exatamente em cima da garantia de estabilidade da comissão de fábrica. Simplesmente por isso. O pessoal dizia: “olha, a gente pode abrir mão até da produtividade (a fábrica já estava oferecendo 6% de produtividade), a gente abre mão até da produtividade; agora, não vamos abrir mão da estabilidade da delegação”.

Quer dizer, para mim foi um grande teste assim realmente de reconhecimento dos trabalhadores na sua comissão.

E nesses dois dias de greve — que foi interna — a gente aproveitou muito da experiência das greves de 78 (que também foram internas): aproveitou para fazer grandes reuniões dentro da fábrica, fazer discussão, porque aí você está o dia inteiro sem fazer nada, não é? (...)

Então, depois de dois dias de greve, os patrões resolveram dar estabilidade. (...)

Em 80, a gente garantiu também um outro ponto importante: a Fiat tinha muitos operários antigos com estabilidade. Não sei quantos eram antes, mas em 80 eram uns 50.

Pela lei antiga, o cara tem estabilidade; mas ele se aposenta e não recebe mais porra nenhuma. Se ele trabalhar até o último dia de trabalho, vai embora e vai receber aposentadoria e só.

E o grande drama dos caras que são estáveis dentro da fábrica, é que foram os caras mais marginalizados desde a criação do fundo de garantia. Dentro da Fiat, eles nunca mais receberam um aumento de chefia ou desse tipo de coisas, só aquele aumento que o governo dava de ano em ano. E se marginalizavam; a fábrica ultimamente tinha criado um tipo de código lá para esses caras: eles estavam colocados dentro da empresa como improdutivos. Não se exigia mais porra nenhuma deles: você pode trabalhar, você pode não trabalhar. O patrão não estava esquentando não. Era uma espécie de massacre psicológico para o cara se sentir realmente inútil. Então o grande drama dos caras, pô, trabalhou a vida inteira, vai chegar a época de se aposentar e vai sair muito pior do que um cara que tem fundo de garantia. Este, quando se aposenta, tem fundo de garantia. Eles não tinham nenhum.

Então a gente também reivindicou que a empresa pagasse aos caras que iam se aposentar e que tinham estabilidade. E conseguimos fazer um acordo na base de 80%: quando o cara se aposentasse, a empresa pagaria a ele 80% dos direitos dele. Além disso, a gente conseguiu também Cr\$ 1.500,00 de aumento fixo, além do índice que todos os outros trabalhadores receberiam; isso porque eles nunca mais tiveram aumento nenhum. Qualquer garoto do SENAI lá dentro da fábrica acabava ganhando mais do que o estável.

Essa então era uma reivindicação que estava na pauta original de negociação.

Conseguimos, em 80 também, terminar de uma vez por todas com o problema de transporte, pois em 79 a gente não tinha terminado. Ainda havia algumas áreas sem ônibus da fábrica. O pessoal ainda estava andando de ônibus coletivo. E era umas áreas bem brabas, como Piabetá e toda aquela região ali. Então somente em 80 a gente conseguiu ganhar ônibus para todos os cantos.

(1) Peão

Tem os fiscais da CIPA que é mais ligada à empresa, e tem a comissão da CIPA eleita pelos trabalhadores.

O Juvenal fazia parte de uma comissão eleita pelos trabalhadores, que fiscalizava todos os problemas relacionados com a segurança do trabalho, com a alimentação. Por exemplo, uma máquina que está trabalhando em péssimas condições e que pode causar acidentes é uma coisa que está relacionada com esses serviços da CIPA. Se tinha alguma coisa em perigo, um vazamento, eles chamavam o responsável.

Os fiscais da CIPA vigiam também a segurança, mas eles são mais punitivos do operário: ficam vigiando se o camarada usa ou não usa óculos, esperando ele não estar usando para poder escrever o nome dele e depois puni-lo.

E a outra CIPA é para ver exatamente a parte negativa da firma; porque a firma deixa os trabalhadores sem condições de trabalho, só faz botar eles para trabalhar.

Quer dizer, uma é favorável à firma. E a outra não é porque dá prejuízo à firma. Inclusive o Juvenal fez a empresa gastar muito dinheiro. Por exemplo, antes o refeitório lá não tinha condições de higiene nenhuma, nem na época da FNM e da Alfa. Eram condições precárias mesmo. Lá dentro, a gente via mosca, abelha, lagartixa; o chão era todo furado,

FIAT 81: PEÕES EM GREVE PELO DIREITO AO TRABALHO

Patrões atiram as primeiras pedras

Comando

O Juvenal foi o primeiro companheiro que eles mandaram embora. Esse cara vinha tendo uma atuação dentro da Fiat que obrigou a fábrica a gastar 11 milhões de cruzeiros. Para a gente, 11 milhões de cruzeiros é nada mais nada menos do que uma folha de pagamento durante 11 anos. Para a Fiat, era uma boa verba que ela ia ter que repor e tal. Então como é que ela ia fazer para recuperar esse dinheiro? Era simplesmente mandando o Juvenal embora que era o cara que estava criando problema para ela. Quer dizer, criando problema para a empresa e melhor situação de trabalho dentro da oficina para o trabalhador. Então a única maneira de tirar essa pedra do caminho era mandar o Juvenal embora.

Então mandaram ele embora no dia 24 de dezembro ao meio dia em ponto, na hora em que estava encerrado o expediente de todo mundo que só voltaria a trabalhar 36 dias depois porque ia entrar em férias coletivas. Quer dizer, isso daí dificultou inclusive da gente criar um movimento dentro da fábrica.

Por outro lado, veio a demissão do Leal no dia 6 de março — que era sexta-feira depois do Carnaval. Estava todo mundo duro, desmobilizado... O pessoal tinha vindo de férias coletivas, trabalhou fevereiro e logo veio o Carnaval. Sendo que ficou sem receber dinheiro desde o dia que saiu de férias, quer dizer, 66 dias sem receber dinheiro, quando recebeu estava todo mundo duro. Como então fazer um movimento para readmitir o Leal? Não tinha condições.

A Fiat ia demitir 960

Comando

Por um lado, eu queria dizer uma coisinha sobre o nosso esquema de organização. Esquecemos de enfocar o sistema de infiltração que a gente tinha no meio da diretoria da fábrica. Foi a forma mais correta da gente colher dados deles, colher inclusive os quadrimestrais de programação, de produção, tudo isso. A gente conseguia isso se infiltrando no meio deles, como um João-ninguém, um santinho querendo simplesmente conversar e colhia da mesa deles dados importantes. Olhava assim, a mente fotografava e depois reproduzia aquilo tudinho. Quer dizer, foi mais um esquema que a gente conseguiu organizar para combater, lutar mesmo contra eles.

O outro lado era a gente se infiltrar no cérebro da fábrica, que é contabilidade e programação geral. A contabilidade financeira estipulava o que que a Fiat tinha que dar, o que a Fiat poderia dar ou quanto ela poderia gastar. E tudo aquilo a gente levava para os trabalhadores. Conseguimos descobrir dentro da sala de um advogado da própria empresa, que a fábrica teria um reembolso equivalente ao ano anterior, de 800 milhões de cruzeiros de incentivos fiscais. Isso aí, esses 800 milhões de cruzeiros, o que é que significam para a gente? É o dinheiro que o governo dá à empresa para ela pagar a folha de pagamento dos trabalhadores. Com esses 800 milhões daria para pagar os trabalhadores durante oito meses. Quer dizer, a Fiat só tinha responsabilidade de pagar quatro meses para concluir o

ano. Dentro desses quatro meses, operários recorreriam ao INPS, operários entrariam em mês de férias... Quer dizer, ela teria aí três meses somente para cobrir com o dinheiro dela. E os lucros onde é que iam?

Então, a gente se infiltrava e descobria mesmo; onde a gente tinha força para lutar contra os patrões, era em cima dessas infiltrações dentro dos setores. E antes da fábrica demitir os 185, nós da comissão vínhamos parando no portão da fábrica e animando o pessoal: "a Fiat diz que vai demitir 30% do quadro, 30% do quadro representa 960 trabalhadores". Não era os 300 companheiros que acabou sendo os demitidos, era para ser 960.

Uma crise forjada

Comando

Isso que a Fiat ia fazer é comprovado mesmo. Numa reunião que nós fizemos com os patrões, eles disseram: "a fábrica tem que ser reduzida em 30% porque a gente não está aguentando". Criaram lá uma situação de crise econômica; a gente discorda e provamos para eles e para o Tribunal o que é que discordamos.

Comando

Inclusive essa crise é tão forjada que, por exemplo, a gente sabia que já tinham mais de 1.000 caras inscritos para entrar na fábrica, e que já tinham feito teste e estavam aguardando chamada. Inclusive, no primeiro dia de greve, tinha muitos desses caras no portão da fábrica para pegar o primeiro dia de trabalho.

Quer dizer, é a substituição de mão-de-obra, a rotatividade. Já tinham 1.000 inscrições prontas e esses 1.000 iriam substituir os 960 que seriam os 30% que iam ser demitidos.

Quanto à substituição, não há problema porque a rotatividade de mão-de-obra inclusive favorece a muitos trabalhadores. Mas por outro lado a gente vê, o cara hoje ganha Cr\$ 30.000,00. A fábrica demite 960 desses caras e readmite 1.000 ganhando o que? Cr\$ 10.000,00, Cr\$ 15.000,00; ou às vezes ganhando o piso salarial que passou agora para Cr\$ 10.600,00; e os 960 que ganhavam Cr\$ 30.000, ela ia botar na rua, tranqüilo.

Comando

Essa questão do lucro que você colocou é importante. Eu acho que é o seguinte: é uma crise fajuta realmente, que não existe. Haja visto que a Fiat, em 79, recebeu 800 milhões de incentivos fiscais, do governo justamente para que não mandasse ninguém embora. E ela fez justamente ao contrário. A gente avalia em 800 milhões a folha de pagamento do ano todo. Por outro lado, a Fiat demite realmente aqueles caras que já não produzem mais — ou melhor — não produzem mais não, produzem ainda, mas não produzem no ritmo dela. Quer dizer, são companheiros que ficaram doentes pela própria questão do trabalho, da insalubridade, de um ambiente ruim de trabalho que ela tem para a gente lá dentro. Então os caras começam a ficar doentes no trabalho mesmo, doença profissional; e começam ir para o INPS, conseguem, três, quatro, cinco dias de

INPS. Para a fábrica não é importante... Então o cara vai ficando velho, quer dizer, não vai seguindo o ritmo de produção que ela impõe; e aí a fábrica demite ele, e com um agravante; ela demite sobrecarregando os companheiros. Se a Fiat demite dez, ela nunca readmite dez, ela readmite quatro com um salário menor. E, além disso, sobrecarrega os trabalhadores que ficam lá dentro: o cara tem que trabalhar três, quatro, cinco máquinas sozinho; ele bota uma peça na máquina, quando chegar na quinta máquina, ele já tem que corre rapidinho para a primeira.

Então, na realidade, a crise que ela alega não é crise; ela demite realmente para diminuir a folha do salário e continuar mantendo o ritmo de produção. A única diminuição de produção que teve foi simplesmente a transferência da fábrica lá para Betim. Aqui no Rio, a gente calcula até que a produção tenha aumentado; a linha de montagem aumentou que é uma coisa louca. O operário cansado fica doente por causa do ritmo da produção, o cara não tem nem tempo de ir no banheiro, pô.

Eu acho que isso são coisas importantes da gente colocar porque eu acho que é a própria fábrica, a própria repressão (que é intensa realmente) é que leva os operários a se organizarem. A gente tem necessidade de se organizar, e que seja uma organização assim independente. Porque, esse sindicato aí que é só do pelego atrelado não mostra alternativa nenhuma para o operário. Então o que é que o operário tem que fazer? Realmente procurar a alternativa dele próprio.

Peão

E nas greves, o que foi que houve? Foi uma firma que se diz estar em decadência aguentar 40 dias de greve (e aguentaria mais), e as outras firmas que se dizem decadentes ajudando também essa firma a não ceder o que os operários estavam pedindo... E o que é que os operários estavam pedindo? Não era salário. O que eles estavam pedindo era a estabilidade do emprego ou, pelo menos, a garantia de estar empregado.

A gente vê que o que existe não é uma crise, o que existe é uma política querendo derrubar esta política salarial de agora. É o que parece. Eles acham que essa política salarial não dá uma vantagem para eles ter lucro a curto prazo, eles querem logo ter um lucro X. E quando eles pensam que o INPC vai ser

Giannini na assembléia: crise da Fiat é fajuta



de 30%, é de 40%, e então eles já têm que tirar do lucro. Então o jogo deles é nessa base de jogar abaixo essa política salarial e de começar de novo os aumentos só de ano em ano.

Então entramos em greve

Comando

Então a gente continuamos estudando a forma de um movimento. Mas essa greve pegou a gente de surpresa porque a gente não estava pensando puxar essa greve naquele momento em que ela foi feita. Mas a Fiat se precipitou em demitir 250 trabalhadores — sendo 130 no início do ano e mais 55 no dia 29 de abril. A gente conta 250 porque contando desde 1º de janeiro para cá deu 250. Então a Fiat fez essa burrada; a gente diz burrada porque patrão que seja inteligente jamais iria aproveitar uma época dessas (29 de abril) para demitir. Ele fazer um lance desses sabendo que o dia 1º de maio era um dia nacional — mundial, aliás — de luta do trabalhador, o que é que ele estava querendo? Ele estava arriscando uma faca de dois gumes para ele, ou corta ou é cega.

Então nós fomos para uma reunião no dia 30 de abril e puxamos a greve. A comissão puxou a greve. Quer dizer, o pessoal aderiu e apoiou, e definiu que o movimento seria a partir do dia 1º de maio — mesmo o dia 1º sendo feriado, daí em diante a gente estaríamos em greve.

Então entramos em greve.

Comando

No dia 29 de abril, fomos mandados embora eu e mais dois companheiros da delegação. Inclusive um deles tinha estabilidade garantida, que eu não tinha.

Como a gente tinha assembléia marcada para o dia 30, no dia 30 de manhã a fábrica montou um esquema para não deixar o pessoal demitido entrar. No portão da fábrica, botaram uns vigilantes, uns cordões para não deixar a gente passar.

Aí começamos a agitação, e entrou todo mundo; e os demitidos ficou circulando dentro da fábrica.

Gozado porque quando fomos no SP, o Fernando Guimarães disse que tinha havido um equívoco, que não tinha dado tempo dele checar a demissão e por isso é que a gente tinha sido mandado embora; mas que a gente podia apanhar os cartões e voltar a trabalhar.

Aí fizemos o seguinte: apanhamos os cartões, marcamos o cartão, e ficamos circulando nos setores da fábrica, agitando o pessoal para a assembléia logo mais e pra já tomar uma decisão de greve contra as demissões. Naquele momento a gente já sabia que era 960 que iam embora.

Aí foi que a assembléia decidiu a declaração da greve.

Peão

No setor onde eu trabalho foi o seguinte: no dia 28 de abril, quando o pessoal iam para o banheiro, viram que tinha sido colocado um aviso de que 185 pessoas seriam demitidas naquele dia, sendo 130 mão-de-obra direta e 55 mão-de-obra indireta. Mas ninguém sabia quem seriam os demitidos. Alguns já tinham sido chamados para comparecer ao SP, e à medida que foi chegando 5 horas, outros também receberam aviso para ir ao SP.

Então o pessoal que eu via por ali já estava com revolta: primeiro, porque era véspera do 1º de maio, Dia do Trabalho, e as pessoas iam comemorar o Dia do Trabalho desempregados. E também era um feriado prolongado. Então os comentários da gente já mostravam uma revolta: "isso é uma afronta". Lá

É melhor ser um grevista dentro da fábrica que um marginal na rua

Aos operários, companheiros
Alicerces da Nação
Lançamos um manifesto
De garra, luta, união
Defendendo o direito
De ganhar nosso pão.

Este parte dos operários
De uma multinacional
Arbitrariamente demitidos
Em defesa do capital
Que os gringos querem levar
Lançando-nos no lamaçal.

Somos pessoas honestas
E queremos trabalhar
Derramando nosso suor
Pra nossos filhos alimentar
Mas o patrão com sede de lucro
Não se importa de nos matar.

Os operários do Brasil
Tem o seu sangue sugado
Pela politicagem corrupta
É na miséria jogado
Pelas próprias leis trabalhistas
Tem seu salário roubado.

Nós, os operários da FIAT
De capital estrangeiro
Estamos no mesmo barco
De todos os companheiros
Que por este Brasil afora
Trabalham sem ter dinheiro.

Na época da FNM
Empresa estatal
Éramos 6.000 operários
E tínhamos, bem ou mal
O empregado garantido
Exportando o nacional.

Em 3 anos de impunidade
A FIAT conseguiu
À revelia da justiça
Demitir mais de 3 mil
Aumentando os seus lucros
De forma covarde e vil.

Quando a FIAT italiana
Comprou nossas instalações
Começaram os sofrimentos
Em nossos corações
Instalaram a violência
Iniciaram as demissões.

A FIAT usa a demissão
Como arma mortal
Em época de dissídio
Pra poupar seu capital
Demite 2 que ganham mais
Admite 1 ganhando mal.

Esta arma todo ano
Ela usa impunemente
Sem que o próprio Governo
Defenda a sua gente
Até muito pelo contrário
As arbitrariedades ele desmente.

Pra quem ainda não sabe
As multinacionais
Pagam seus operários
Com incentivos fiscais
E mesmo assim não cumprem
Os acordos salariais.

Os lucros incalculáveis
Eles não querem dividir
E ainda inventam crises
Só pra nos demitir
Nos jogarem na miséria
Sem a crise existir.

No interior da fábrica
Existe um batalhão
De elementos armados
Tendo até capitão
Pra comandar a violência
E manter a repressão.

Em 1979
A violência foi tanta
Que um elemento armado
Prepotente e botando banca
Atirou num operário
Levando-o pra Terra Santa.

Que crise fajuta é essa
Que inventaram agora
Se os vampiros da FIAT
Desfrutam do bom lá fora
Comendo seu caviar
Ganhando milhões por hora.

A alimentação que nos servem
É de má qualidade
Estraga nosso intestino
Não supre a necessidade
Nos provoca diarreia
Esta é a realidade.

Trabalhamos sufocados
Sob insalubridade
Respirando fumaça preta
Em áreas de periculosidade
Sujos de óleo e graxa
É uma grande maldade.

Criam normas de produção
Que nos forçam a trabalhar
Em 3 máquinas ao mesmo tempo
Não podemos reclamar
Várias peças por minuto
Sem direito a descansar.

Até pra ir ao banheiro
Temos o tempo controlado
Se demoramos um pouco mais
O chefe fica irritado
Nos ameaça de demissão
E corte do ordenado.

É uma grande mentira
O serviço social
Só atende italiano
Quando quer capital
O peão quando vai lá
É tratado como animal

Toda vez que a greve
Vai a julgamento
A justiça do trabalho
Tira nosso direito
Defendendo o patrão
Nos declara em delito.

O operário brasileiro
Vive mal alimentado
Morando entre esgotos
Nas encostas pendurado
Trabalha de sol a sol
E de noite é assaltado.

Aos demitidos de São Paulo
E de toda a Nação
Lançamos este movimento
Firmes na decisão
De alcançarmos a vitória
Com a força de nossas mãos.

Conclamamos os operários
E o povo em geral
A nos dar o seu apoio
Pois nossa greve é legal
Pois lutamos pelo absurdo
De trabalharmos, mesmo ganhando mal.

Poema escrito por um peão da Fiat durante a greve de maio de 1981
contra as demissões de 250 companheiros de trabalho.



Não somos porcas, nem parafusos

se achava uma afronta porque como é que o cara vai aproveitar um feriado desses estando desempregado?

Quando nós chegamos lá fora, na saída, já estava preparada uma assembléia. E ali o pessoal todo já estava mais ou menos revoltado; e ali já começou uma proposta de greve para quando a gente voltasse no dia 4, se os 185 não fosse readmitido. Contando de janeiro até aquela data, era 250 demitidos; mas no início, a paralisação mesmo foi pelos 185. Depois é que se colocou o Juvenal e os outros.

A fábrica sempre aproveita o natal, as férias, essas datas assim que o pessoal ia ficar um certo tempo em casa, para mandar embora. Eles fazem isso para desmobilizar.

Quer dizer, eles demitiram os 185 na véspera do feriado achando que, assim, desmobilizava o pessoal. E eles achavam também que a comissão interna estava desmoralizada porque fizeram uma reclamação sobre uma alimentação que estava estragada, e depois o pessoal que reclamou levou punição. Também puniram o pessoal que fez a paralisação no dia em que morreu o rapaz lá.

Por isso eles (a direção da fábrica) pensava que não tinha mais ambiente para uma greve; e então fizeram aquela demissão dos 185. Eu acho que eles fizeram como um teste, não sei. Mas deve ter alguém inteligente ali, não é possível que seja todo mundo... não é? Porque fazer um afronto desse é ou provocar ou então não confiar.

Então, naquele dia houve uma pequena assembléia. E quando a proposta de paralisação foi colocada, foi logo aceita. No outro dia já houve uma assembléia maior. A gente veio trabalhar. A proposta era para a gente marcar o cartão e ficar parado, "máquina parada, braços cruzados".

Peão

Na minha seção — que é dos operários mais antigos — nós trabalhamos o dia 4 todinho. Só parou dia 5, quando o pessoal dos outros setor parou e saiu.

A minha seção parou porque as outras seção parou; porque se não não parava, ali só tinha duas pessoas que tinha vontade de parar: eu e um outro rapaz. Então estava todo mundo trabalhando lá. Inclusive tinha um mulato forte que disse:

— "Eu não paro, pode fazer o que quiser aqui que eu não paro."



No início os patrões não acreditavam

— "É melhor você parar, que se a turma chegar aí vai ter", eu falei.

— "Não, pode vir quem quiser que eu não paro."

Aí apareceu a turma lá e eu disse:

— "Você vai parar ou vai continuar trabalhando? Você é que sabe. Eu já vou saindo. Todo mundo está parado, a ordem é vocês parar, é todo mundo parar."

Aí quando a turma apontou meio braba, o pessoal todinho parou.

E foi aquele processo todo da greve

Peão

A gente ficou duas semanas assim: marcava-se o cartão e se ficava parado; ficava lá dentro da fábrica mesmo, cada um nas máquinas mas totalmente parado. Às vezes ia para o pátio. Nessa época não funcionava nada. Era bate-papo até resolver.

Peão

Mas então eu acho que a greve não foi uma coisa assim forçada não. Foi quase voluntária; não digo em todas as seções, na seção dos antigos pode ter sido mais difícil. Mas foi bastante voluntária.

Depois é que as ameaças foram chegando. E foi enfraquecendo; havia pessoas que queriam trabalhar... de vez em quando um ligava uma máquina, talvez de brincadeira, não sei. Mas quando se ouvia barulho de máquina funcionando, aí a oficina parecia um coro: ô ô ô!

E começou também outras manobras da fábrica. Eles colocaram os ônibus para sair de dentro da fábrica; mas a gente ia esperar o ônibus lá fora. Depois botaram um alto-falante especial a toda altura, para não deixar realizar a assembléia. O alto-falante da comissão era na kombi, quer dizer, tinha um volume baixo; e o alto-falante da fábrica tinha bastante potência; quer dizer, deixavam as pessoas malucas com aquele barulho que não deixava ouvir o que a comissão falava. E começou uma tensão muito grande. Então a própria comissão pediu para eles

parar com aquilo; e eles acabaram aceitando, porque era a força da massa mesmo pedindo...

Depois veio também o policiamento. Era vários choques da polícia militar que ficava lá o dia todo à disposição... Eu acho uma coisa incrível como é que se gasta dinheiro com aquele policiamento todo ali, enquanto os marginais estavam roubando, assaltando bancos. Eles dizem que no Rio há carência de policiais. Mas só ali, disponível, tinha 3 ou 4 choques, sem contar esses carrozinhos pequenos, essas rádio-patrolha que estavam lá só de sobreaviso, rodando, esperando uma chamada.

Peão

No início não tinha piquete, porque a greve foi decretada legal. Mas depois que alguns começaram a furar a greve, acharam conveniente fazer o piquete. Todo dia de manhã, a turma chegava lá cedo e espalhava as bicicleta todinha cercando a frente, outros cercavam o outro portão.

Aí foi aumentando o número de polícia.

O pessoal (que queria trabalhar) já quase não ia, porque sabia que ia e voltava.

Comando

A gente vinha recebendo pressões na porta da própria cada da gente. Eu lá em casa tinha dia de acordar de manhã e sair pelo portão dos fundos para poder pegar a outra rua. É que na porta da frente tinha um camburão e... nunca houve policiamento naquela rua. Desde o começo da greve havia essa repressão lá em frente do meu portão; quer dizer, eu tinha que sair pelo portão dos fundos, sair na outra rua, e ir embora apanhar ônibus na estrada do outro lado; aí eles não me viam sair. Às vezes eu tinha necessidade de sair de carro para apanhar outros colegas e não saía; chegava atrasado e mandava outro colega buscar o carro lá em casa. Ele chegava lá 8, 9 horas quando a repressão já estava relaxada.

Comando

E foi aquele processo todo da greve. O Pimentel, no primeiro dia, não quis assumir a greve. Depois, por pressão, ele acabou assumindo. E a gente, dali para frente, obrigamos que ele nos desse uma sala no sindicato para a gente fazer o nosso comando de greve.

O comando de greve foi organizado em quatro setores: setor de propaganda, setor de alimentação, setor de finanças e setor de organização.

No início da greve, a gente ficou uma semana dentro da fábrica, a primeira semana foi de greve interna. Inclusive, no segundo dia, os patrões lançaram um panfleto dizendo que não acreditava que a greve passasse de dois dias, que eles nunca acreditariam que o peão entrava dentro da fábrica, mudava de roupa, botava seu uniforme de trabalho e ficava perto das máquinas olhando para as porcas e parafusos sem fazer nada, quer dizer, sem retornar ao trabalho.

Então a gente ficou circulando a fábrica toda. O dia todo, a comissão circulava na fábrica, rodando os setores, batia papo com os companheiros, fazia aquelas reuniões nos pavilhões e tal. Aí decidimos o seguinte: "bom, para vocês não terem mais pressões de chefia, sabe o que vocês fazem? Vocês arrumam uma bola e vai jogar bola, pega o seu baralhinho..." Aí, no final do segundo dia, transformaram a fábrica numa área de lazer! Era torneio de futebol, torneio de pelada, futebol de salão, campeonato de sueca, mesa de pingue-pongue, fizeram isso tudinho lá.

Nos primeiros dias, a gente teve uma série de problemas com a repressão. Tem um setor — que era o mais reprimido — onde o chefe dizia: "não, eu garanto vocês, vocês podem trabalhar que

eu garanto". E quando a gente chegava lá e perguntava se ele garantia mesmo, ele não tinha resposta para dar...

Aí a gente dizia: "mas a gente garante você; na hora que o fãção vier, você vai também!" Este é o setor dos inválidos; é um setor que o companheiro não tem condições de ficar mais ali; adoeceu, então os patrões jogam para lá, fica ali naquele setor como sucata até mandarem embora.

Então a gente teve esse tipo de coisa que a gente colocou, e que é o seguinte: esse ano a gente decidiu que a pelegada não comandava a assembléia, quem comandava era a peãozada e a comissão interna. Então os pelegos não tinham tanto espaço para falar na assembléia porque quem comandava era a peãozada e a comissão.

A estratégia da Fiat foi apelar para o seu braço armado



Última Hora, RJ

Peão

Nos primeiros dias da greve, a gente entrava na fábrica e não trabalhava.

Depois não podia mais entrar dentro da fábrica.

Mas todo dia de manhã a gente comparecia lá, tinha assembléia. Todo dia a gente passava na fábrica, para saber o que estava acontecendo.

Depois da assembléia, o Giannini convidava o pessoal para ir ao sindicato trabalhar, passar bônus. Alguns iam; eu ia sempre.

Outros que não tinham vontade de trabalhar, iam embora para casa. Os que mais reclamavam que não tinham o que comer, que não tinham dinheiro é que iam embora para casa.

Peão

O pessoal dos piquetes ficava no piquete até quase o meio-dia. Tinha piquete para cercar o fura-greve, que sempre tem fura-greve, não é?

Todo dia, na assembléia, era lembrado: "quem vai ficar amanhã no piquete?"

De vez em quando, tinha acidente. Uma vez machucaram um rapaz lá, saiu cacete. Inclusive teve um dia que a polícia fez uma confusão lá, e ainda não tinha nenhum apoio, nem fotógrafo, nem a Globo, nem a Bandeirantes.

Peão

Durante a greve, as coisas eram decididas assim: a comissão fazia uma proposta e botava em votação. Se o pessoal estava favorável, tudo bem. Se votava contra... Mas geralmente era favorável, porque quando eles colocavam, já colocavam coisas que correspondiam. Porque enquanto a gente dormia, eles ficavam acordados, bolando como é que seria o contra-ataque no dia seguinte. Quer dizer, a gente ia para casa parece que despreocupados, mas não ficava despreocupado não. Eu chegava a sonhar com a greve, aí acordava, sentava, parecia que estava ouvindo aquele "1, 2, 3, 4, 5, mil". A gente não fica despreocupado mesmo.

E a comissão também não dormia. Eles sabia que a fábrica ia montar um esquema e então ficavam bolando a forma de bloquear, de furar aquele esquema. Ficavam a noite toda bolando. Por isso é que já estavam mesmo se esgotando, não tinham mais voz, já estavam chegando ao fim da resistência.

Mas quando eles colocavam uma proposta para a assembléia, eles já tinham também informação: eram informações dadas por pessoas que entravam na fábrica e depois diziam como é que estava o movimento lá dentro. Dentro mesmo das linhas de ônibus da Breda, tinha pessoas que conseguiam informações dentro da fábrica e depois passavam para a Comissão.

Então, todo tipo de armação que a fábrica fazia, não pegava a Comissão desprevenida. A única que pegou ela desprevenida foi essa manhã, que eles mandaram os ônibus que chegavam entrar direto dentro da fábrica; e que a comissão aí entrou também, veio a polícia.

E parecia mesmo um campo de concentração

Comando

Não fomos nós que decretamos o fim da greve. A gente já sentia que a greve poderia se esvaziar mediante a repressão policial. Eles armavam um esquema de funil onde eles iam afinando da frente da rua para o portão da fábrica. Os ônibus chegavam, encostavam na boca do funil formado por uma unidade da PM, os trabalhadores desciam e não tinham como sair da

quela corrente que ia dar dentro da fábrica. Alguns saíam, voltavam e saíam no peito.

Mas por outro lado, a gente sentia que através desse funil que a polícia fazia, o trabalhador descia do ônibus e só tinha uma sequência: ou voltar para dentro do ônibus, ou seguir direto para dentro do portão da fábrica. Voltar para dentro do ônibus não conseguiam mais porque os que vinham descendo levavam ele de volta; e quando descia o último, o motorista fechava logo a porta de comum acordo com a empresa.

Peão

Aí a comissão teve que entrar no peito para dentro da fábrica. O Luiz mandou a turma entrar e, pensando que todo mundo entrasse, ele entrou. Mas os que estavam a pé, que não foram nos ônibus (porque os ônibus é que entravam e só paravam lá dentro), não puderam entrar, a polícia não deixava. Então ficou metade lá dentro e metade cá fora do portão. Eu cheguei no ônibus, então eu tive que entrar. Aí fomos lá para dentro do pátio e começamos a se reunir lá. Mas depois achamos conveniente reunir cá fora, quer dizer, dentro da fábrica mas em frente ao portão. Quando chegamos cá fora, já tinha aquela cerca de polícia; aí a comissão ia conversar com os homens, voltava, e não se decidia nada.

A fábrica marcou o almoço para meio dia e meio; quando deu meio dia e meio, o almoço passou para uma e meia. O pessoal da administração que estava trabalhando e a chefia tiveram almoço na hora normal, e nós ficamos lá com fome. Os que tinham ficado fora do portão queria dar pão, sanduíche para a turma de dentro comer, mas o guarda da fábrica não deixou passar.

Peão

Bom, então estava aquele movimento todo, e chega choque, e sai. Mas para mim, a parte mais dramática da coisa foi exatamente a hora em que o Capitão Frazão entrou lá dentro do escritório, voltou, depois entrou novamente e aí... chegou aquele outro choque da polícia e entrou. A gente pensava que esse ia substituir o outro que estava ali o dia todo, com fome, sem beber água, sem nada; estava pior do que a gente, porque a gente sentava, levantava, e eles ficavam lá parados. Então a gente pensava que o choque que chegou vinha substituir esse.

Mas daí a pouco eles vão fazendo aquele cordão assim e vão cercando a gente. Aí todo mundo levantou e o Luiz disse: "espalha, espalha...", e todos começaram a correr. E o capitão: "para, para", gritando naquele tom alto. O Giannini correndo e ele gritando: "para, para Giannini, para". E a gente teve que parar porque não tinha jeito. A gente estava pensando que tinha jeito de sair lá pelos fundos, que lá tem outro portão ou então daria para pular o muro. Mas de lá vinha também outro choque que foi juntando com o que estava cá na frente, foi fechando a gente assim, então todo mundo teve que parar mesmo.

Aí o capitão perguntou:

— "Eu estou no meio de trabalhador ou não estou?"

E um peão respondeu assim:

— "Infelizmente, porque no meio de marginal o senhor não estaria".

Aí um policial segurou no braço dele, segurou forte, ele puxou, eu sei que arranhou o braço dele.

Foi aí que o Giannini foi para a frente e falou:

— "É verdade que vem um caminhão aí?"

E o capitão:

— "É verdade sim, mas não queremos nada com vocês não, nós só queremos conversar. Vamos conversar lá fora."

O Giannini falou:

— “Não, nós vamos conversar aqui dentro. Depois que eu colocar o que eu tenho para colocar para os companheiros aqui é que eu vou sair.”

Mas o capitão disse:

— “Não, vamos lá para fora, tem que ir para fora.”

E o Giannini:

— “Só vou sair depois que conversar com os companheiros aqui.”

E foi para junto do paredão que tem lá e a gente foi também.

Mas o capitão ainda disse:

— “Olha, primeiro quero dar um aviso a vocês aí. Tem mais 49 que foi demitido. Vamos lá para fora que lá fora vou dar a relação dessas pessoas que foram demitidos agora.”

Então o Giannini tremeu de raiva. Ele pensou que a polícia é que tinha dado a sugestão para a fábrica fazer mais essas demissões, para resolver o problema. Ele achou isso porque eles entravam no escritório com papel, saía, tornava a entrar...

Então, lá dentro, o capitão disse que tinha 49 demitidos, mas ele não falou quem era. Não disse que tinha os 10 da comissão entre esses 49. Isso a gente só foi saber lá fora, quando ele leu os nomes.

Comando

Estou esquecendo de um detalhe. O próprio coronel Frazão da PM de Caxias é outro cara que devia ter dignidade de ser um militar, e não participar de pactos sociais com o patrão. Porque ele mostrou claro o que a própria PM é. A PM é mais uma força que os patrões têm ao seu lado para reprimir os trabalhadores. Isso a gente já sabia de cor, mas na prática a gente tinha que ter certeza mais uma vez. Isso é uma vergonha. A própria PM da Bahia fez um movimento grevista reivindicando melhores condições de trabalho e de salário para sobreviver; agora vem um canalha desses aí, o coronel Frazão, chega lá e, porque é coronel, se reúne com os patrões, com os pelegos, com o Ministério do Trabalho, e forja uma situação de mandar os trabalhadores embora.

Inclusive a leitura dos 49 demitidos — por aí você vê — foi feita por um militar, pelo coronel Frazão. O próprio coronel fez essa leitura.

Peão

Isso foi no penúltimo dia de greve, quer dizer, praticamente o último porque no dia seguinte já entrou uma parte de gente e aí dividiu...

O cerco da repressão dentro da fábrica



Mas naquele dia estava mesmo a paralisação total. E a gente lá dentro da fábrica ficou igual um campo de concentração. Uma parte cá fora também em frente ao portão; e a polícia com aqueles escudos, fazendo um cordão, um cinturão, de frente pra gente.

E durante o dia todinho foi aquele movimento de polícia: chega polícia, volta, chega um e vai no escritório, volta, e entra, e sai. E aquele cordão policial ali... Eles deixavam a gente se movimentar, podia até passar entre eles, não tinha problema não, eles não tocava em ninguém, não conversava com a gente. Só pediam para a gente não conversar com eles. Entre si, até que eles conversavam, mas pediam que a gente não conversasse com eles.

Mas a gente via que eles estavam ali mesmo porque era uma missão. Eu acho até que, para muitos deles, aquilo ali era um dos primeiros trabalhos, era pessoas que estavam entrando na polícia naquela época, era recrutas. A gente estava vendo que muitos são grosso mesmo, não têm aquela tarimba.

Enquanto isso, eles telefonaram e veio outro choque. O choque manobrou assim... e o pessoal que estava lá fora pensou que a gente que estava do lado de dentro do portão ia ser exterminado ali, na hora. Umas donas começaram a chorar; inclusive uma delas, uma crente, fez uma mensagem para o filho, dando coragem para o filho que estava lá dentro. E parecia mesmo um campo de concentração.

Peão

A turma mandou comunicar em casa, pela Rádio Globo ou pela Bandeirantes, não sei, que os que tinha entrado na fábrica talvez ia dormir lá. E o repórter da 1 hora deu esse aviso às esposas dos funcionários da Fiat Diesel do Brasil. Avisou que “devem se encontrar 900 pessoas dentro da Fiat; e não vão sair hoje”. Mas não falaram quais os que estavam presos dentro da Fiat. A minha mulher ouviu esse repórter, e ficou preocupada...

Peão

Agora, tudo isso aí foi a última estratégia da fábrica. E conseguiu, funcionou.

De manhã, ela mandou os ônibus entrar para dentro do portão da fábrica; a polícia fazia sinal para os carros entrar. Inclusive o Luiz viu os carros entrar.

A fábrica mandou os carros entrar, mas já sabia que não ia dar almoço para esse pessoal.

E naquele dia, teve chefia lá dentro que ligou as máquinas.

Fim da greve: uma verdadeira ocupação militar



Última Hora, RJ

Então, lá fora, depois que leu aquele boletim com os nomes do pessoal que estava sendo demitido, muitos já começaram a falar: “Amanhã eu vou entrar, amanhã eu vou entrar”.

Mas eu acho que nessa hora o pessoal devia começar a pensar de uma outra maneira; quer dizer, se a fábrica está mandando embora 50, ela vai mandar embora mais 50. Então a gente tinha que reunir, fazer uma boa assembleia ali para ver como ia ficar. Mas o pessoal todo amedrontou...

E realmente, hoje, a fábrica já começou a mandar gente embora de novo.

Quer dizer, naquele dia ela fez aquilo justamente para acabar com a greve. Ela jogou nós para dentro da fábrica, jogou polícia em cima de nós, deixou nós sem comida, fez cerco de nós com a polícia, tudo isso para desarmar a gente. Ela fez isso como estratégia; e realmente funcionou, infelizmente funcionou.

Peão

A jogada deles nesse dia não era tanto pôr o choque da polícia para dentro da fábrica. A jogada deles era o operário entrar e olhar no quadro um aviso que tinha lá: “procure seu cartão com o chefe”. Aí o operário vai falar com o chefe e o chefe, naturalmente, ia conversar ele e ele começava a trabalhar.

E eles também colocaram a vigilância e bombeiros dentro das oficinas como um tipo de segurança para o operário trabalhar. O chefe falou comigo assim: “vocês não estão reclamando por causa de falta de segurança? A segurança está aí, para apoiar vocês”. Ficava um guarda no banheiro, um na oficina, para o cara trabalhar. E a chefia ligou as máquinas.

Então... a gente ficamos ao sabor das ondas

Comando

Então... a gente ficamos ao sabor das ondas! A reunião que a gente teve depois do ato ecumênico foi uma reunião dramática; a gente entrava em choque porque estava cansado, sem condições de ter uma visão maior e tendo que levar uma proposta no outro dia de manhã. Tinha que levar uma proposta para o pessoal da base, quer dizer, para a massa toda que estaria reunida lá.

E como critério para essa proposta, a gente avaliamos outras coisas. Avaliamos, por exemplo, a repressão que a gente estava encarando e que não estava preparado para ela. Pelas nossas próprias limitações, a gente não tinha esquema de segurança como, por exemplo, teve no ABC onde os companheiros foram avisados, corriam, sabiam onde se encontrar. A gente não tinha isso, não tinha nada de esquema de segurança.

Avaliamos o problema dos 50 demitidos, que não eram só os companheiros mais combativos. Dentro dos 50 tinha os 11, mas tinha também companheiros com 30 anos de casa... E era uma responsabilidade muito grande, a gente teria que pensar nisso também porque a demissão dos 50 não tinha ainda saído no Diário Oficial.

Então qual seria a nossa proposta? Garantir que os 50 entrassem dentro da fábrica, acreditando mais uma vez na justiça. Uma ingenuidade nossa que já tínhamos sido empurrados pela justiça! Porém, mais uma vez acreditamos que a Justiça ia realmente entender a proposta que a gente colocou para o pessoal: a firma demitiu os 50 no dia 9 de junho e as demissões só saíram publicadas no Diário Oficial no dia 10. Mas no dia 9, o tribunal julgou a improcedência das reivindicações, julgou que eram ilegais — e isso pressupunha que as demissões também se-



Trabalhadores queriam continuar greve pela readmissão do comando

riam ilegais. Então o que é que aconteceria? A gente voltaria a trabalhar, todos os funcionários juntamente com os 50; e a gente convocava uma assembleia para o dia 17 de junho, quarta-feira, e nessa assembleia realmente a gente decidiria novamente o que fazer. Quer dizer, a gente daria um descanso, porque a correlação de forças naquele momento era totalmente contrária à gente. E a gente não podia colocar em risco uma série de coisas na medida em que não estávamos com apoio político.

Comando

Quer dizer, a gente estava sentindo que a greve não estava para se acabar normalmente, ela estava sendo acabada, esvaziada. Estava sendo esvaziada pela repressão da própria polícia e pela organização que os patrões fizeram junto à FIRJAN, FIESP... O outro problema foi, como o companheiro falou, de alguns companheiros que foram demitidos com 30 anos de casa. Ele esqueceu inclusive de frisar que os companheiros que foram demitidos — não só os que já tinham 30 anos de casa, mas também os que tinham 3 anos, 4 anos — nunca imaginavam de receber uma justa-causa desse nível; para eles foi uma facada. Para a gente não, a gente está na luta e tem que esperar o que der e viver. Então, alguns desses companheiros desmaiaram na hora, foram socorridos no hospital. Eu mesmo saí bambo, carregando o meu Mário no carro, quase atropelou um outro na frente...

É nesse nível que se deu o esvaziamento da greve da Fiat. Ela não foi acabada pelo comando, e sim acabada pela repressão patronal e pela repressão policial que estava dando todo o apoio ao patrão, junto com o Ministério do Trabalho.

Comando

Inclusive a proposta de volta ao trabalho, era para que o movimento não acabasse esvaziado e o pessoal brigando entre si dentro da fábrica, porque aí um ia acusar o outro que voltou primeiro, que é fura-greve, que isso e aquilo. A gente sabe que isso podia acontecer; e a gente estando fora da fábrica, iria ser um prato feito para os patrões acabarem de desorganizar o pessoal dentro da fábrica. Então quando a gente fez aquela proposta de voltar ao trabalho, era para que pelo menos todo mundo voltasse ao mesmo tempo de uma só vez, para não ficar brigando lá dentro.

Comando

A proposta de voltar a trabalhar foi realmente um negócio dramático. Aquele último dia, o dia 11 de junho, eu vou te contar, foi um dia dramático. A gente ficou o dia inteiro no sol, até às 3, 4 horas da tarde, sem comer, o pessoal desesperado e a gente desesperado porque a nossa proposta foi reprovada pela massa... Mas a gente tinha estado de manhã na porta da fábrica e visto muito trabalhador entrando. Até aí, quem a gente via entrando era da administração, e ninguém esquentava a cabeça com isso. Mas nesse dia, a gente viu realmente muito trabalhador entrando. E muito trabalhador entrou conversando antes com a gente: "olha, não tem jeito, nós não aguentamos mais, nós vamos trabalhar, vocês desculpa, a gente tem problema, a gente está com vocês, mas nós não aguentamos mais, nós vamos trabalhar..."

Comando

Inclusive eu chorava de raiva de ouvir aquela proposta. No dia em que a gente discutia essa proposta de levar o fim da greve por isso, por isso e por isso, eu mesmo fui um cara insistente em dizer: a gente não pode lançar essa proposta. Eu achei que a greve deveria se esvaziar normalmente. Por outro lado a derrota seria pior. Derrota econômica e mais o esvaziamento normal da greve, seria pior para a gente.

Comando

Então foi uma série de coisas, que a gente não tinha saída, não tinha alternativa. E não tendo alternativa, também não soube colocar para a peãozada lá, no dia seguinte; a própria questão emocional fez a gente não saber. O Luiz é um companheiro que sempre se coloca bem, os companheiros estão cansados de ouvir ele falar, ele tem uma oratória que capitaliza a atenção das pessoas. Naquele dia lá, ele foi o primeiro a falar para os peões, mas... ninguém estava entendendo o que ele queria dizer, e ele levou até vaia. O pessoal queria mesmo é que continuasse a greve.

Comando

Exatamente. Agora, eu acho que o comando não colocou com convicção a sua própria proposta. Realmente, de todos os movimentos que teve na Fiat, foi a primeira vez que a gente teve que colocar uma posição de recuar. A gente não tinha experiência de recuar, essa é a verdade. Então, realmente o Giannini defendeu muito mal a nossa proposta, porque quando a gente chegou de manhã para fazer a assembléia, e olhou para a cara dos peão, não tinha ali quem tivesse coragem de defender aquela proposta.

E quando a gente olhou para a cara do peão de manhã, realmente o Gonçalves chorou; eu sabia que não tinha condição mas por mim a greve tinha continuado; você olhava para as caras dos peão, era négo chorando por todo canto, puta-que-pariu; por isso, quando a gente colocou a proposta, foi assim um verdadeiro cemitério. Então o cara que estava defendendo uma proposta daquela ali, porra, não tinha como ele defender

um negócio daquele. O único jeito foi a gente tentar puxar palavra de ordem; mas não dava para sair da greve. E foi decidido ali, naquele dia, que a greve continuaria.

Comando

O comando lançou a proposta de finalizar a greve justamente por avaliar que a greve não estava acabando normalmente e sim estava sendo acabada pela repressão, foi um tumulto tremendo; os próprios trabalhadores, na hora de votar, votaram contra a proposta do comando. Renunciaram à proposta do comando e lançaram outra proposta: "Nós vamos continuar com a greve até que vocês sejam readmitidos".

Comando

Mas a gente também tem que levar em conta que quem mais radicalizou pela continuidade da greve naquele dia foram os demitidos: os 50 caras demitidos por justa causa, mais aqueles outros demitidos anteriormente e que estavam com a gente ali fora. Esses caras estavam desesperados porque estavam vendo a greve acabar, com eles derrotados, a gente tudo derrotado. Eles estavam fodidos mesmo. Então os caras radicalizavam: "tem mesmo é que continuar essa porra". E só aí já era mais de 60 caras que levantava o braço, pela continuidade da greve; e o resto, tudo doido também, levantaram o braço. Mas nós do comando estávamos avaliando que não tinha condição de continuar o movimento.

E quando a gente foi para a porta da fábrica no outro dia de manhã, foi exatamente o que a gente pensava: estava entrando mesmo muito peão. Aí não teve outra saída a não ser a gente conversar com o pessoal: "ó pessoal, temos que entrar, não tem jeito, está todo mundo entrando, se não..."

Quer dizer, foi aquilo que a gente pensou, ou seja, a radicalização do dia anterior foi feita mais pelo pessoal demitido. Tinha realmente um grupo de trabalhadores, uns 400 a 500 operários, que iriam ficar com a gente na porta da fábrica; agora a outra parte iria entrar e a gente não ia segurar mesmo.

Comando

A nossa proposta era: "vamos voltar, mesmo aceitando todas as reivindicações derrotadas". O acordo proposto pelo sindicato dava umas coisinhas, dava uma bolsa de estudo, não sei o que e tal. A nossa proposta era o seguinte: tem que voltar mesmo é todo mundo derrotado para que o movimento possa continuar e, em agosto, ter condição de se levantar. Porque uma migalha, politicamente pode até ser pior do que você voltar com uma derrota total. Para a gente, era importante não perder a dignidade do movimento; porra, a gente brigou 42 dias por uma coisa e no final o pessoal te dá uma esmola?...

Comando

É incrível, mas até hoje os trabalhadores da Fiat não se venceram de que tinha que voltar a trabalhar, porque o pessoal realmente estava com disposição de continuar a greve. Esse é um problema incrível. O pessoal não voltou esvaziado, voltou foi derrotado; economicamente não tinha condição de continuar e politicamente estávamos isolados.

A luta da Fiat é a luta que todo mundo tinha que ter apoiado

Peão

Eu achei que o apoio foi muito bom. A participação das Igrejas, do ABC, a alimentação, a ajuda em dinheiro, foi válido à bessa.

Peão

Eu sei que veio ajuda financeira de São Paulo, da Itália, do ABC, daqui do Rio. E veio caminhão lotado do Paraná, de Goiás.

E teve também a participação e o apoio do CEDI com o boletim informativo, do movimento operário das pastorais. E aquele culto ecumênico também ajudou um pouco, mas já muito



Ato público no centro de Caxias

tarde. Se tivesse sido antes, seria a salvação, acho que seria uma injeção de ânimo na gente. Eu pelo menos, que assisti, saí confiante que o pessoal no outro dia estaria mais animado. Mas infelizmente foi uma minoria da fábrica que compareceu ao culto, só os que moram ali por perto.

Peão

Um negócio que eu acho importante nessa greve nossa é que a gente sentiu assim a união do povo; o pessoal está mais unido. Porque uma greve que dura 42 dias sem o operário passar sem comida, com dinheiro para pagar a luz, dinheiro para pagar passagem (eles deram dinheiro até para pagar passagem), dinheiro para comprar o gás... A gente não sabia de onde veio esse dinheiro, mas nós recebemos o dinheiro. E mercadoria, tinha lá à vontade. Também não sei como veio essa mercadoria; o certo é que a pessoa ia lá, e toda vez que eu fui lá aparei duas bolsas de compras.

Então nós sentimos o apoio. Quem deu o apoio, não interessa à gente; eu sei que fomos apoiados.

E aí está o trabalho de bairro, as Igrejas, a Igreja Metodista, toda essa gente que apoiou; até um pessoal que não gostava muito de entrar nessa briga, você vê que agora já está entrando. A gente sente que está havendo união do povo. Para a gente que estuda o evangelho, essa greve eu acho que foi um bom ponto de partida, um ponto de união. Quando a gente fala que Cristo dividiu o pão a gente pensava que era lá naqueles séculos passados! E a gente está vendo que a divisão do pão está acontecendo no meio da gente hoje. Eu acho que esse foi um ponto muito bom da greve. E isso é importante, você vê quantas pessoas saíram de casa para ir participar junto com a

gente — é o caso da esposa do companheiro aqui e muitas outras mais. E isso nunca aconteceu, aconteceu agora. Você vê, senhoras de comunidade subiram em kombi lá e apoiaram mesmo, falaram a fala delas. Eu acho que isso é muito bom. É uma demonstração que o povo está gritando, o povo está chorando, o povo está precisando...

Peão

Houve também o apoio dos médicos que estavam em greve e que atendiam os operários da Fiat. Com a carteirinha funcional, se precisasse de médico, podia procurar qualquer médico em greve que eles atendia. Não atendia outras pessoas, mas o pessoal da Fiat, eles tinham o prazer de atender, no período da greve.



Mesmo assim faltou muito apoio...

Comando

A gente teve o apoio da Igreja, que foi um apoio mais sério mesmo, mas não foi, porra, nem um décimo daquilo que eu acho que a própria Igreja podia fazer; e depois, veio muito tarde. Inclusive fui eu que disse na brincadeira que os caras tinham dado a extrema-união para o movimento. Realmente, no dia seguinte do ato ecumênico, a greve acabou. Acho que aquele ato levantou a moral do pessoal assim, eu acho que o final da greve poderia ter sido mais catastrófico ainda se não tivesse sido o ato. Então se aquele ato tivesse acontecido pelo menos uns quinze dias antes, eu acho que teria tido realmente um retomar do negócio. É claro que a gente conta, por exemplo, com o fato de que Caxias não tem bispo. O bispo chegou agora, no final da greve; eu acho que ele se colocou muito bem dentro do movimento. Mas naquela época ele ainda não era oficialmente o bispo da Diocese. Caxias pertencia à Diocese de Petrópolis, com um bispo reacionário que não estava ligando para essas coisas. Na Diocese do Rio de Janeiro, tentei ir ao Cardeal. Mas o apoio da Igreja no Rio de Janeiro ficou muito fraco; e é a Diocese maior da região, poderia ter dado um grande apoio ao movimento. Do ponto de vista político mesmo, o D. Eugênio não falou uma vírgula em lugar nenhum, nem um programa de rádio, nem em jornal, nem em porra nenhuma, sobre a greve da Fiat. Não falou nada, simplesmente não se pronunciou. Na greve dos médicos agora, ele já está querendo até ser intermediário...

Do lado das esquerdas tradicionais, eu acho que há todo aquele problema do cara dar um apoio só onde ele pode faturar politicamente em cima daquele negócio. O movimento da Fiat tem uma característica muito interessante, que é essa independên-



Leal na campanha de sindicalização

cia. Então as organizações de esquerda, vai mas não vai, faz aquele mínimo para não dizer que não apoiou e não ter depois como nego dar porrada. Em relação ao PT, por exemplo, pô, é um partido onde a gente também está... E os caras, ou não estão entendendo porque realmente vive fora da realidade dos trabalhadores, ou não estão querendo entender, que eu acho que é pior. Realmente os caras das organizações de oposição não entenderam a profundidade do movimento da Fiat, o que realmente ele estava representando naquela hora dentro do movimento operário do Brasil e até do mundo mesmo. Então, você encontrava um cara que aqui dizia uma coisa e quando você ia cobrar na prática, nego nada. Teve nego que dizia: "não, você pode vir aqui no sindicato que aqui a gente roda o material". Quando tu chegava lá, não tinha papel, não tinha o diretor, o outro não podia autorizar, só com a ordem do outro, não sei o que. Então você encontrava em muitos sindicatos, mesmo os de líderes autênticos e tal, a mesma burocracia que você encontrava no sindicato da gente, e que era uma desgraça. Para você fazer uma coisa, passava por 10 diretores. A burocracia é ótima para enterrar qualquer movimento. Então eu acho que, com esse movimento da Fiat, a gente teve oportunidade de ver realmente que existe muito papo furado em termos de estar comprometido com a luta dos trabalhadores.

Comando

Você vê, o Lula ficou de vir aqui dar apoio político, chamamos ele umas 5 vezes, a gente achava que era muito importante ele vir. Ele ficou de vir mas não veio. Outras autoridades ficou de dar apoio e, na realidade, o apoio significativo que a gente teve foi da Igreja, que culminou com aquele ato ecumênico. Só que

naquele ato ecumênico, sinceramente a gente não estava em condição assim de assimilar mesmo certas coisas. A gente se emocionou muito, e depois...

Comando

Eu acho que realmente a luta da Fiat é a luta que todo mundo tinha que ter apoiado exatamente porque não estava representando nenhuma facção política organizada — o que não quer dizer que o pessoal trabalhador da Fiat não tenha posição política.

Qual é o grupo que estava fazendo greve na Fiat? Era o grupo dos operários da Fiat! Então se realmente não se apoiou é porque sentiram que não era possível faturar politicamente em cima do movimento da Fiat. Inclusive a gente se armou um pouco contra esse tipo de oportunismo que poderia surgir dentro do movimento, tanto da parte da pelegada e da Unidade Sindical como também da parte de outros grupos; a gente sabia que iria pintar esse tipo de coisa. E agora aparecem caras que criticam a gente porque a gente foi muito fechado aos apoios. Mas foi fechado como? Porque a gente não deixou que fosse criado o tipo de comitê que saísse por aí dando entrevista em nome do movimento, ou dizendo que a greve da Fiat tem que ir para aqui, tem que ir para lá? É esse tipo de coisa que eles gostam de fazer e que a gente realmente não aceitou. A gente pode até estar errado, desde que eles nos convençam; até agora não estamos convencidos que estamos enganados.

Em cima disso aí que o companheiro terminou de colocar, quando ele diz "eles não entenderam ou não quiseram entender", eu discordo. Eu discordo porque na verdade eles entenderam. É que eles queriam controlar o movimento da Fiat e não conseguiram. Ficou claro isso numa reunião depois do julgamento da legalidade da greve. Nós fizemos uma reunião na segunda-feira com todas entidades, sindicatos e tudo mais. Então foi colocada uma proposta da Unidade Sindical, de que fosse feita uma votação e um comitê do qual só participariam entidades.

Quer dizer, nessa proposta eles não queriam que o pessoal que estava apoiando mas que não fazia parte de entidade nenhuma, participasse dessa votação e nem do comitê. Queriam isolar esse pessoal que já estava participando junto com a gente.

Então seria um comitê que tinha capacidade, tinha condição de entrar em contato com artista, com esse negócio todo, mas que ia passar por cima do comando de greve, ia orientar o comando de greve. Quer dizer, ia passar por cima dos princípios da gente, que eram: "todo poder ao peão". Ora o peão é que estava fazendo greve, então a gente jamais ia abrir mão desses princípios. Os peões da Fiat ia levar o movimento até o fim da greve, desse o que desse. Ou se a gente fosse vitorioso ou não, isso não interessava para a gente. Nós estava numa greve, era uma greve por tempo indeterminado, não tinha tempo marcado para terminar a greve até que fosse atendidas as nossas reivindicações. Podia durar uma semana, podia durar um mês, isso aí não importava para nós; mas o peão da Fiat era que tinha que levar a greve. A gente não recusava nenhum apoio mas também não ia permitir que os apoios passasse por cima do comando de greve. E o que eles queriam era exatamente ao contrário: era que o comitê de apoio que eles iam formar fosse controlar o comando de greve da Fiat. Ficou claro isso naquela reunião.

Que eu me lembre, das entidades que foram propostas para compor a coordenação do comitê de apoio, era a FAFERJ, a FAMERJ, o MAB, a UNE, a UEE, uma representante da Unidade Sindical e um representante de cada partido político. Esse era o comitê, o resto (inclusive os outros sindicalistas) seria uma plenária, como chamavam.

Comando

E a gente quebrou o pau e não aceitamos aquilo ali, não aceitamos nem o voto por entidade nem o comitê de entidades. E colocamos mesmo: "para nós, quem está trabalhando aqui e apoiando a gente até hoje, é as pessoas individuais, o pessoal independente aí; este é que é o pessoal que realmente está garantindo o apoio, até agora. Então não vai ser agora que a gente vai entregar as coisas nas mãos de vocês; nós não vamos aceitar essa proposta. Para nós aqui não importa que o cara seja entidade ou não seja entidade, o que importa é que esteja trabalhando com a gente". Como já era 11 horas da noite, a gente resolveu fazer uma reunião separada e tomar uma posição que foi a seguinte: "bom, a única forma que a gente vê de encaminhar o negócio é formar dois comitês de apoio. Vocês ficam com o comitê de entidades que vocês sugeriram aí; e nós vamos então fazer um outro comitê com todo mundo que quiser participar, que seja de entidade, que seja independente, que seja o diabo". E foi o que funcionou.

E foi gozado por que isso era numa segunda-feira, e eles marcaram uma reunião desse comitê de entidades para quarta-feira daquela mesma semana, no sindicato dos rodoviários. E nós fomos. Aí, chegando lá, tinha uns cinco caras; foi um blá, blá, blá, deu 10 horas da noite e não se tirou coisa nenhuma, e ficou marcada uma reunião para segunda-feira seguinte. E a gente já nem foi mais lá, quer dizer, não funcionou coisa nenhuma daquilo ali. Era exatamente o que eles queriam fazer: eles tomarem o comando, esvaziarem tudo e o negócio ir pro brejo.

Comando

A pelegada da Unidade Sindical junto com o sindicato elaboraram 20 mil cópias de um bônus fantasma, em apoio à greve da Fiat; e até hoje nós não vimos o dinheiro. Sem contar o Manuel Correa, que é do Hora do Povo também, e que passou um livro de ouro na Assembléia Legislativa, num encontro de deputados, senadores, sei lá o que. Esse livro deu umas 20 assinaturas que renderam 40 mil cruzeiros; e até hoje a gente está esperando esses 40 mil. O dinheiro que ele entregou para a gente foi o que? 3 mil cruzeiros. E muitos vereadores depois chegou para gente e disse: "não, eu assinei, eu assinei 2 mil", "eu assinei 3 mil". Quer dizer, só em dois vereadores passou de 3 mil cruzeiros, foi 5 mil. E o restante? eles enfiaram no bolso até hoje.

Comando

Então, o movimento estava isolado politicamente. E economicamente não tinha condição de se manter; mesmo isso que o companheiro coloca, de que a gente tinha alimento, eu não sei... eu acho que a gente mal conseguia alimentos. Fora o acúmulo de problemas das famílias dos grevistas que estava chegando para o comando: era problema de aluguel, era problema de prestação, problema de luz, problema de gás, problema de água. E nós não tínhamos condição nenhuma de resolver esses problemas. No mínimo, a gente tinha que ter, pelo menos, um salário para cada peão, o que significava ter 80 milhões de cruzeiros. E nós conseguimos arrecadar 2 milhões de cruzeiros em todos os 42 dias de greve! Quer dizer, era incrível a disparidade dessa quantia em relação à necessidade dos trabalhadores, e a gente não tinha condição de suprir, não tinha mesmo.

A questão da sobrevivência e a luta na fábrica

Comando

Eu acho que uma das coisas que hoje impede que o movimento lá dentro da Fiat cresça, não é falta de disposição dos companheiros de lá não. Eu acho que uma das reivindicações que tem que constar como primeiro item de todas as pautas de reivindicações não é a questão do desemprego, é a questão da estabilidade. Porque o ânimo de luta existe, mas é que nem eu ouvi um educador falar outro dia num programa de televisão: "num país onde os caras se preocupam com a sobrevivência, não pode haver ideologia". Realmente é o que acontece. Os companheiros na fábrica estão preocupados com a sobrevivência; disposição de luta, eles têm realmente, estão aí, estão sabendo das formas de oprimir da Fiat; mas eles não têm estabilidade de emprego. Então está criado o impasse. Os companheiros lá têm toda a consideração, têm uma bruta respeito pela comissão interna. Agora, com todo esse bruta respeito, eles tem as pressões das esposas, aquelas pressões todas; e a gente também respeita essas pressões, porra, não vamos cobrar dos companheiros: "vocês tem que parar hoje".

Então, se a gente cresce no sentido de conseguir estabilidade, porra, a gente garante essa luta, não a nível só da Fiat não, a nível de muitas outras fábricas — porque a gente vê que também em outras fábricas os caras têm disposição de luta, e se a luta não cresce é pela questão da sobrevivência. E essa questão é fundamental, companheiros. Hoje a gente vê aí uma crise fantástica, a gente não pode comprar nada. Se o cara estando empregado, já é difícil para ele sobreviver, para comer arroz e feijão, você imagina agora o desempregado!...

Então a falta de estabilidade é um inimigo muito grande que a gente tem, é uma barreira que a gente encontra quando está comprometido com a luta aí, com a "emancipação" — essa é uma palavra que um cara aí é que usa, eu não gosto muito não: "emancipação do operário"...

Então acho importante que todo mundo divulgue e coloque a questão da estabilidade; essa merda tem que existir no Brasil, porque a partir do momento que existir a estabilidade no emprego, ninguém segura o movimento dos trabalhadores não. A gente vê os caras de outras firmas, a Cosigua, por exemplo, que é uma firma que centraliza um montão de operários: tem nego revoltado ali que trabalha numa caloria ferrada, filha da puta, mas que limita seu espaço de luta porque tem que garantir a sua sobrevivência. A mesma coisa acontece na Fiat hoje: os caras têm uma disposição de luta tremenda, têm uma visão política, têm uma consciência de que esse sindicato atrelado não representa os anseios da classe porque a política deles é do diálogo (no primeiro dia de greve, os pelegos do sindicato queriam negociar, queriam dialogar; a massa não) quer dizer, a política dele é a do falso diálogo.

Agora, a nossa política é a seguinte: patrão só entende as coisas quando as máquinas param. Mas se eu paro, o que acontece? Fico desempregado de repente, minha família fica no relento, vou sofrer. As vezes o cara tem até consciência de que realmente parar as máquinas é a única forma de luta contra o patrão, contra esse capitalismo. Mas ele sofre pressões, ele tem uma responsabilidade com a família dele. Então a gente se esbarra muito nesse aspecto da estabilidade.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS: ENTRE OS PEÕES E A FIAT

Essa greve só está dando prejuízo ao sindicato

Então no vigésimo quinto dia de greve, o diretor do departamento jurídico do sindicato, o Martinho, chegou para gente e disse: “Pô, essa Fiat vai acabar a greve quando?” A gente disse: “não, a greve não é da Fiat, a greve é dos trabalhadores da Fiat”. E ele: “Pois é, os trabalhadores da Fiat vai acabar essa greve quando?” Aí a gente dissemos: “quando as reivindicações forem atendidas”. Ele falou: “Bom, essa greve só está dando prejuízo ao sindicato e isso que está construindo aqui, foi eu que construí, isso não é de vocês não; vocês da Fiat estão usando; amanhã ou depois a repressão chega aqui dentro e quem vai segurar somos nós, porque vocês vão correr do pau”. E aí nós dissemos: “não vamos correr do pau, nós sempre encaramos tanto o diretor ou o patrão da empresa, como vocês os pelegos. Porque então que nós vamos correr da polícia? Nós não vamos correr da repressão não, nem tampouco da intervenção. Vamos continuar atuando aqui dentro para tomar da intervenção”. Aí, passou.

Mas nesse mesmo vigésimo quinto dia de greve, nós havíamos feito uma reunião com o Pimentel e parte da diretoria do sindicato, e nessa reunião foi decidido que o rapaz que controlava toda a contabilidade da greve teria necessidade de ficar até mais tarde naquele dia para elaborar todo o documento de contabilidade e apresentar conta aos apoios, inclusive para não virem cobrar querendo saber em que estava sendo gasto o dinheiro recebido.

Mas à meia-noite, o Pimentel e parte da diretoria foram embora. E esse mesmo Martinho que havia dito que na hora da intervenção a gente corre do pau, chegou e disse: “Bom, vocês vão desocupar a sala do sindicato agora, porque se não nós vamos chamar a polícia para evacuar essa sala”. Na sala, estavam o Geraldo e o Djalmar (que era o responsável pelo controle contábilístico da greve). Então esses colegas falaram: “Bom, a diretoria decidiu que nós vamos continuar esse trabalho até terminar”. E aí foi um pega que quase saiu briga mesmo, e os companheiros acharam melhor sair e voltar no outro dia para poder reassumir os trabalhos. No outro dia era sábado; tudo bem, trabalharam até tarde.

A expulsão do sindicato: agredidos e agressores

Comando

Por outro lado, chegando no final da greve já, no quadragésimo terceiro dia de greve, eles publicaram no jornal (nem disseram pessoalmente!) que a gente deveria desocupar as dependências do sindicato que estivessem ocupadas pelo comando de greve, porque a greve já tinha se acabado e não havia motivo nenhum para ter comando de greve nas dependências do sindicato. Então, nós reunimos e fomos para o sindicato às 10 horas da manhã, para tirar todo o nosso material de lá e levar para a subdelegacia em Xerém, que pertence aos trabalhadores da Fiat e não à classe em geral.

Então, nesse mesmo dia, na hora em que a gente estava descendo com o material, o Martinho desceu as escadas junto com o Jorge Ferreira, Manuel Ferreira, Ivo, dizendo: “é, vocês são uns vândalos, são uns baderneiros e uns anarquistas. Que política como a que vocês fazem, nós fazemos muito melhor”. A gente até ri, claro, acho até uma piada. Aí, viemos aturando aquilo pela escada abaixo do quarto andar até o primeiro andar. Chegando lá embaixo, ficou só o Martinho, e ele começou a discutir com um colega nosso dizendo: “vocês tem é que ir embora mesmo, porque vocês já deram prejuízo máximo à categoria, e amanhã ou depois a categoria exige do sindicato lutas mais vantajosas do que essa, que são lutas econômicas (você olha a colocação dele) que são lutas econômicas, e vocês já danificaram e levaram a zero o sindicato com uma intervenção. Então foi bom vocês desocuparem, vocês têm que sair mesmo, arrumar rapidinho e não tem nem que olhar para trás”. Então aquele colega, exaltado também por problema de tensão, por ter sido demitido por justa-cause, perguntou a ele: “porque você nunca procurou reivindicar o que é do interesse da classe dos trabalhadores de um modo geral, e hoje fica expulsando os trabalhadores aqui de dentro?” O Martinho pegou, meteu a mão no peito do colega, empurrou o colega para lá, o colega caiu e quando se levantou já estava certo que queria revidar o empurrão; aí o Martinho meteu a mão no bolso e arrancou uma navalha de uns 15 centímetros. Dizem que é um canivete, que parecia mais um facão. E avançou em cima do colega. Então nesse dia foi aquela confusão toda. Inclusive um companheiro tomou o canivete da mão dele, a gente ficamos cego, nem sabe quem foi mesmo que tomou o canivete porque foi um bufufu tremendo.

No outro dia, eles colocaram nos jornais que a comissão da Fiat massacrava a diretoria do sindicato dentro do próprio sindicato: quer dizer, nós, de agredidos, passamos a ser agressores, não é? É um troço completamente inverso.

Quatro horas de terror

Comando

Mas a repressão que eles fizeram não parou aí, eles ainda não se sentiram satisfeitos.

Na 6ª feira dia 26 de junho, alguns companheiros haviam viajado para São Paulo, para o encontro da CONCLAT, encontro de oposição, um ato público que ia haver na Praça da Sé em São Bernardo. E eu, Leal, Antônio, Pedro estávamos na subdelegacia, reunidos com 3 mulheres, discutindo a Associação: a forma como a Associação deveria lançar a proposta de associar, qual seria a mensalidade, como é que a Associação iria trabalhar no caso de um companheiro demitido, que apoio mútuo seria esse que a gente estaria programando dar, e tudo o mais. Inclusive já estávamos discutindo que não deveríamos ficar ali só discutindo, e sim deveríamos convocar a diretoria do sindicato pra ir ali tomar conhecimento do que a gente estava fazendo.

Aí, às 9 horas da noite, chegou a pelegada do sindicato, desde o Pimentel até o último suplente da diretoria — troço inédito, porque eles nunca conseguiram reunir toda a diretoria, nem

mesmo para a campanha de eleição. Mas eles conseguiram reunir para reprimir os trabalhadores naquele dia.

Chegaram às 9 horas, entrou parte da diretoria com o Manoel Ferreira na frente e o Divino dizendo: “Viemos para conversar e para dialogar... A gente não viemos pra brigar nem tampouco pra bater em ninguém”. Quer dizer, ele já lançava ali a intenção dele de *bater*, não de lutar, mas de bater. Nós ficamos numa tensão filha da mãe.

Então, começou a reunião, e nós discutindo com eles... Eles colocaram claro que queriam saber da situação da delegacia e que nós deveríamos desocupar a delegacia de Xerém.

Eles ali conversando, falando besteira, e os companheiros exaltados também, falando com eles e dizendo: “não, vocês têm que assumir que nós somos demitidos e vocês têm que respeitar a gente aqui dentro”.

Colocamos para eles que a gente estava ali, não como invasores, mas como Comitê dos demitidos recebendo todos os apoios que pudessem chegar para nós, isto é, para os 250 demitidos mais os da justa-cause. Aí o presidente do sindicato disse: “Bom, agora vocês estão com uma nova mentalidade, porque até então vocês eram invasores”. Eu falei: “Nunca. Qual foi o dia que vocês procuraram a gente para discutir? Nós estamos dispostos a procurar vocês, mas vocês estão com a repressão lá, armados de unhas e dentes; com cacetes, revólveres na mão e facas pra reprimir e matar qualquer um de nós”. Eu falei isso e chamei eles de fascistas, que eles foram uns traidores que traíram não só o Comando de Greve da Fiat, não só a Comissão Interna, mas traíram todo trabalhador, toda a categoria, porque fizeram um negócio por trás da cortina com os patrões, assinando o acordo e dando o direito para os patrões botarem a Comissão na rua sem direito a nada; e o próprio Expediente — que é o advogado do sindicato — redigiu esses documentos junto com o Costeira que é o advogado da empresa, para demitir esses trabalhadores.

Então quando eu falei isso num tom mais agressivo, mais grosso, dando pancada em cima da mesa mesmo, eles chiaram. E aí entrou a “nuvem preta”, o pessoal do Hora do Povo.

E a subdelegacia é como essa sala aqui: tem uma janelinha cheia de buraquinho e uma porta de entrada e saída. Eles imprimiram a gente num canto, e como é que a gente ia sair? Aí ficou todo mundo ali, discutindo.

Então nós começamos a discutir num nível mais controlado, para evitar um troço maior; porque a gente viu que ali estava toda a diretoria e suplentes do sindicato com mais de 60 companheiros, quer dizer, que se dizem companheiros... Estavam ali e queriam era tomar a delegacia sindical e expulsar os trabalhadores.

Eles não precisavam nem ter brigado. Mas baixaram a porrada em 3 colegas nossos; um deles agrediu verbalmente uma senhora grávida que estava junto com a gente, uma senhora grávida de 8 meses, dizendo que ela era a chefona, que ela é que mandava naquilo ali e que ela não aguentava porrada, porque a porrada que ele dava num homem ele dava também numa mulher, mesmo grávida de 8 meses. Em resumo, eles cismaram de tomar a delegacia através dessa briga toda. Arrancaram o revólver e esfregaram na cara de um colega nosso, um revólver 38

que continha balas dum-dum, que é aquela bala que a gente já conhece, uma bala perigosa que entra dentro do corpo do cara, estoura lá dentro e o cara morre.

Então a repressão deles se deu nesse nível aí. Passaram 4 horas dentro da subdelegacia, fazendo pavores e terrores dentro de uma sala sem saída porque a saída eles tinham bloqueado... Apagavam as luzes.

Então o Rildo Souto Maior que é o advogado veio e falou que tinha elaborado, junto com o Pimentel, um esquema (de cachaca!), um acordo de que essa comissão que estava dentro da subdelegacia deveria pedir ao sindicato para manter a subdelegacia no nosso poder, na nossa mão.

Discutimos e depois nós assinamos uma folha e eles assinaram a outra. Aí terminou esse papo. Então, cientes que tudo tinha terminado, a gente disse: “Vamos embora?” E eles: “Vamos embora”. Nós falamos: “Então vocês saem na frente que a gente do Comando vamos sair depois”.

Aí o Jorge Ferreira, diretor do Departamento Cultural do sindicato, e o Manoel Ferreira do Departamento Médico, chegaram dentro da subdelegacia de novo e disseram: “A gente não vai sair daqui enquanto não baixar o cacete e botar vocês pra fora”. E o Jorge: “Porque eu estou aqui com mais de 15 trabalhadores da GE e eles estão disposto a dar porrada em vocês”. E o Manoel Ferreira: “Nós queremos beber o sangue de vocês”. Chegaram dentro da subdelegacia e falaram: “Não, vocês vão sair é no peito”.

E dali começou o bafafá. Foi quando um deles saiu para fora da subdelegacia e desgraçou a dar tiro nos pneus dos carros, e mais uma vez aterrorizando e atemorizando os trabalhadores que estavam ali dentro.

Então, brigaram muito, houve espancamento, eles tentaram dar cadeirada e nós seguramos, não deixamos... Quer dizer, nós não saímos de cabeça baixa de dentro da subdelegacia, mesmo depois dos tiros que eles deram. Cercaram as três ruas que davam acesso à subdelegacia com kombis e carros. Estragaram realmente a nossa alimentação, jogaram fora, esparramaram tudo no momento em que apagaram as luzes...

Foi isso aí a repressão deles. E a gente já conhece eles; esse pessoal do Hora do Povo todo é acostumado a baixar o cacete na gente. E a gente está preparado para tudo isso aí; sabemos que eles jamais são representantes dos trabalhadores e sim são uns repressores diretos dos trabalhadores de um modo geral.

Peão

No meu entender, o sindicato, para a Fiat, acabou.

O sindicato não existe. Se ele fizer qualquer convocação, não vai comparecer uma pessoa; pode ser que apareça alguns que são desligados, mas acredito que não vai comparecer ninguém. O sindicato para o pessoal da Fiat, acabou.

Confiança na liderança sindical, não existe nenhuma mesmo. Nem confiança no sentido de que eles representam a classe, nem confiança no sentido de consultar o sindicato sobre qualquer problema que a gente tenha.

O que se vê é elementos bêbados, irresponsáveis, que só falam besteira.

AVALIAÇÕES DA GREVE

A greve alertou o operário que está sendo demitido

Peão

Eu particularmente acho que a greve foi vitoriosa e teve suas derrotas.

Para mim, talvez a vitória não seja tanto para os empregados da Fiat. Talvez para nós tenha havido realmente desvantagens. Mas eu acho que a greve serviu para quebrar todo esse esquema que a FIESP, a FIRJAN, a direção patronal, a direção sindical, estavam preparando, serviu para fazer uma política contra a política salarial deles. Acho que a greve tirou um certo entusiasmo que essa gente tinha porque alertou o operário que está sendo demitido hoje: como nós vimos, os operários da Ford já copiaram a gente, fizeram a mesma coisa que a gente.

Eu acho que isso foi uma vantagem nossa. Não do pessoal da Fiat, mas em termos nacionais. E eu acho que a gente teve alguma vitória porque, apesar da repressão que houve sobre o operário, a gente não se intimidou.

Peão

Fazendo uma avaliação assim das vantagens, eu acho ainda que uma coisa que nós levamos vantagem foi o seguinte: no período de 4 meses, vamos ter essa garantia de emprego, porque a gente não tinha garantia nem de um dia. A gente sempre estava esperando chegar na fábrica e não encontrar nem o cartão no quadro. Então a gente agora tem essa esperança de mais 4 meses; e se mandar embora depois, a gente ganha mais 4, mais 3, mais 2, mais 1 mês. Aí a gente já sai mais ou menos prevenido, já dá um tempo para a gente se prevenir. Eu, por exemplo, espero ser mandado embora depois dos 4 meses; mas pelo menos já saio mais prevenido. Antes, se me mandassem embora, ia me pegar desprevenido. Outra coisa, eu acho que o mais importante da greve também foi chamar atenção do governo para esse tipo de círculo vicioso que estava se formando no Brasil: a Volkswagen acusando situação de decadência, a Fiat também, outras firmas também, quer dizer, fazendo o mesmo tipo de jogo para ganhar concessões e subsídios do governo, para deixar o nosso país mais na derrota, mais endividado. Porque se a gente der subsídios a eles, o que acontece? Os lucros deles vão para o exterior e cada vez a gente vai ficando mais dependente dos outros.

Não quer dizer que isso não vai continuar, mas pelo menos chama a atenção. Só se eles (o governo) não quiserem mesmo ouvir, porque o que foi que houve? Foi uma firma que se diz estar em decadência aguentar 40 dias de greve (e aguentaria mais), e as outras firmas que se dizem decadentes ajudando também essa firma a não ceder o que os operários estavam pedindo... E o que é que os operários estavam pedindo? Não era salário. O que eles estavam pedindo era a estabilidade do emprego ou, pelo menos, a garantia de estar empregado.

A gente vê que o que existe não é uma crise, o que existe é uma política querendo derrubar esta política salarial de agora. É o que parece. Eles acham que essa política salarial não dá uma vantagem para eles ter lucro a curto prazo, eles querem logo ter um lucro X. E quando eles pensam que o INPC vai ser de 30%, é de 40%, e então eles já têm que tirar do lucro. Então o jogo deles é nessa base de jogar abaixo essa política salarial e de começar de novo os aumentos só de ano em ano.



A polícia cumpriu papel destacado durante a greve



Apesar da repressão, uma greve vitoriosa?

Outra vantagem da greve é a Fiat ter que reconhecer que as demissões que eles estavam fazendo eram arbitrárias. Tanto é que já readmitiram elementos que eles já tinham demitido, que estavam incluídos naqueles 185. Readmitiram pessoas que já estavam próxima de se aposentar, pessoas que tinham defeito físico adquirido lá dentro da fábrica, que já têm uma idade avançada.

A demissão da comissão é a única derrota

Peão

Eu também considero a greve uma vitória.

Eu só considero realmente uma derrota: a demissão da comissão. Vai ser difícil a gente adquirir uma comissão igual àquela.

Peão

É a única derrota.

Peão

Para mim, todo o resto foi vitória: a participação mútua que nunca existiu; a duração que nunca existiu também. Então eu considero a greve vitoriosa. Só a experiência que a gente ganhou já é uma vitória. Porque a gente não sabia de muita coisa e agora fica sabendo: a maneira como a gente organizar dentro da greve, a experiência... Então para mim a greve foi vitoriosa. Só a experiência que a gente ganhou já é uma vitória. Porque a gente não sabia de muita coisa e agora fica sabendo: a maneira como a gente organizar dentro da greve, a experiência... Então para mim a greve foi vitoriosa. Só teve uma derrota, que foi o afastamento da comissão...

Peão

Essa foi a derrota mesmo. A única coisa que não poderia acontecer.

Peão

Inclusive eu acho o seguinte: que a gente abandonasse todas as reivindicações, e brigasse só pela volta da comissão. Seria muito mais interessante.

Agora está tudo desarrumado. Hoje o café da tarde chegou às quatro e meia lá no setor, o café da manhã só chegou quase 11 horas. Está uma bagunça. E vai continuar assim...

Peão

Eu não sei... Vamos dizer, se as pessoas da Comissão ainda estivesse dentro da firma e fosse necessário fazer uma outra greve, aí eles teriam apoio da categoria porque estariam dentro da categoria.

Agora, da forma como eles estão agora, só quem pode apoiar eles é o próprio operário. Só o próprio trabalhador pode apoiar. Porque... as Igrejas podem apoiar fazendo o que? Dando esmola? Não é isso que eles querem. A única coisa que pode apoiar eles, ainda é o operário: não só da Fiat, é qualquer operário.

Peão

A volta dessa Comissão interna que foi demitida depende novamente da união dos operários. O Giannini, de vez em quando, falava: "Nós podemos ser presos a qualquer momento, mas a greve não deve parar, vocês devem continuar a greve".

Então eu, de vez em quando, falo com o pessoal lá dentro, deveria entrar na cabeça de todos que a gente devia cismar assim, parar e dizer: "Nós queremos a Comissão novamente, senão vamos continuar parados ou senão a fábrica manda embora". Só assim pode resolver a volta da Comissão; do contrário, apoio só de fora não vai resolver.

Politicamente, uma greve vitoriosa?

Comando

Eu achei que, para a gente, a greve não foi politicamente vitoriosa. Não foi vitoriosa nem politicamente e nem no aspecto das reivindicações. Porque você vê, a gente faz a greve de 42 dias reivindicando a volta de 250 companheiros, e acaba indo embora mais 49. Você vê que, politicamente, ela poderia ser vitoriosa se, no mínimo, a comissão interna retornasse à fábrica. Aí já teria um aspecto político de vitória.

Eu avalio essa greve no seguinte: ela teve um aspecto contra o problema do desemprego. A situação que a gente enfrentou — que enfrentou todos os patrões do Brasil — não é a situação só da Fiat, a questão do desemprego é igual em toda a classe trabalhadora. E a gente não teve o apoio de todos os trabalhadores do Brasil. Então para a gente, politicamente, a greve já teve assim um aspecto de mostrar às outras classes trabalhadoras que só esse tipo de organização é que vai combater essa situação de desemprego; quer dizer, só o tipo de greve mais ampliada é que pode combater os empresários. Não é uma greve isolada de uma fábrica que vai combater.

Porque andando você segura uma fábrica, vai contra tudo... en- contra os patrões organizados, briga contra a pelegada, contra o Ministério do Trabalho e o caramba a quatro. Quer dizer, nessa hora eles se uniram todinho porque o grande interesse deles era o seguinte: tirar de vez a comissão interna de dentro da fábrica.

Comando

Por outro lado, eu discordo do companheiro; não vou dizer que discordo, foi uma posição que ele colocou, ele acha que não teve vitória. Eu acho que, politicamente, nós tivemos uma grande vitória. Demos um passo, tivemos uma grande experiência de como continuar o movimento e mostrar para os patrões do que nós somos capazes. Isso porque, antes da fábrica demitir os 185, nós da comissão vínhamos parando no portão da fábrica e animando o pessoal: "a Fiat diz que vai demitir 30% do quadro, 30% do quadro representa 960 trabalhadores". Não era os 300 companheiros que acabou sendo os demitidos, era para ser 960. Então, para mim, conseguimos uma vitória política e econômica, porque conseguimos brear todas essas demissões que a fábrica ia fazer e que ia ser de 30% do quadro.

Então por aí eu digo que, em meu ponto de vista, a greve foi politicamente vitoriosa: breamos as demissões dos 960. A fábrica demitiu 250 e mais 50 por justa-causa (o Leal nós incluímos como um dos que foram por justa-causa). Então faz 300. E os outros 660, onde é que estão? Não estão garantidos lá dentro? Trabalhando? Então, isso é que eu digo, foi uma greve vitoriosa, foi uma política vitoriosa. Porque a gente reivindicava politicamente, e não economicamente. Política e social, foi vitoriosa a nossa greve. São 660 que estão lá dentro. Os 300 que estão na rua estão passando necessidade, mas já estão mobilizando um comitê de desempregados, um comitê contra o desemprego. Já foi criada uma comissão provisória e, dessa comissão nego está tentando expandir, fazer com que os desempregados tenham um apoio, tenham inclusive como arrumar emprego mais facilmente.

Comando

Então o outro aspecto político vitorioso da greve, aquele dele que eu estava falando, para mim, é o seguinte: a Fiat demitiu esses 49 trabalhadores (50 com Juvenal) por justa-causa. Mas, por um lado, ela espera que desses 50 demitidos por justa-cau-

sa, os 11 da comissão entrem na justiça. Porque aí, o que é que ela faz? Ela readmite os outros 39 e diz: “bom, agora os 11 da comissão vão ter que esperar; botaram na justiça, então agora têm que esperar o julgamento da justiça. Então esses nós não vamos readmitir”.

Mas a comissão não se antecipou e não entrou na justiça ainda justamente porque os próprios trabalhadores — e nisso aí entra o aspecto político — os próprios trabalhadores chegaram para a gente e pediram para que a gente não botasse na justiça e esperasse até agosto porque eles iam incluir na pauta de reivindicações, e junto com a ajuda da comissão interna, a readmissão da comissão. Não a readmissão dos 50, porque os outros 39 nós tinha certeza que a fábrica ia readmitir — conforme já está readmitindo. A fábrica já readmitiu 6 trabalhadores dos que levaram justa-causa. Outros 15% vão ser readmitidos justamente pelo chaveco que há entre sindicato, Ministério do Trabalho e empresa.

Comando

Olha, não sei se dá para a gente fazer uma avaliação assim nacional. Eu acho que, no final, a greve da Fiat realmente estava sendo um movimento discutido até a nível nacional. A gente recebia apoio, recebia comunicações dos lugares mais distantes

desse país, dos cantões lá não sei de onde, dizendo que nego se reuniu lá para discutir o negócio, estava querendo apoiar de alguma forma e tal. A greve mexeu realmente. Agora, eu não sei como é que os trabalhadores dos outros lugares estão avaliando, seria importante até se a gente pudesse saber, quem sabe, dar uma girada por aí para sentir isso.

Eu imagino o seguinte: tirando pela avaliação que os trabalhadores da Fiat faziam da greve de 80 do ABC, eu acho que para o trabalhador conta muito realmente aquelas coisas que são vitória concreta. Eu me lembro, por exemplo, que depois da greve do ABC, mesmo dentro da Fiat que era uma fábrica que tinha um acúmulo de experiência em todo esse negócio, o pessoal comentava muito que o movimento de São Bernardo tinha sido um movimento derrotado. Porque foi essa imagem que a televisão, que os jornais, etc., transmitiu para o povo, para o povão. Então eu imagino que o pessoal hoje também deve estar vendo a greve da Fiat — que, em termos de reivindicações, saiu muito mais ferrada ainda do que São Bernardo — como uma greve derrotada; eu imagino que realmente os trabalhadores devem estar sentindo na pele a derrota das reivindicações da Fiat, da mesma forma que, se ela tivesse sido vitoriosa, eu imagino que o movimento operário no Brasil estaria hoje dando um passo largo.

Siglas

ABC Cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul em São Paulo
CIPA Comissão Interna de Prevenção de Acidentes
CONTAG Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
FAFERJ Federação das Favelas do Estado do Rio de Janeiro
FAMERJ Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro
FIESP Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FIRJAN Federação das Indústrias do Rio de Janeiro
FNM Fábrica Nacional de Motores
INPC Índice Nacional de Preços ao Consumidor
INPS Instituto Nacional de Previdência Social
MAB Movimento de Amigos de Bairro de Nova Iguaçu (RJ)
PM Polícia Militar
SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SP Serviço de Pessoal
TST Tribunal Superior do Trabalho
TRT Tribunal Regional do Trabalho
UEE União Estadual dos Estudantes
UNE União Nacional dos Estudantes